

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-
GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA
MESTRADO EM LINGUÍSTICA**

CRISTIANE VILLAS BOAS SCHARDOSIN

**A LINGUAGEM NA PRISÃO:
UMA PESQUISA DA LINGUÍSTICA APLICADA SOBRE O USO DE GÍRIAS
ENTRE AS DETENTAS DE UMA CADEIA PÚBLICA FEMININA NO ESTADO
DE MATO GROSSO**

**CÁCERES-MT
2023**

CRISTIANE VILLAS BOAS SCHARDOSIN

**A LINGUAGEM NA PRISÃO: UMA PESQUISA DA LINGÜÍSTICA APLICADA
SOBRE O USO DE GÍRIAS ENTRE AS DETENTAS DE UMA CADEIA
PÚBLICA FEMININA NO ESTADO DE MATO GROSSO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso *Carlos Alberto Reyes Maldonado*, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Área de concentração: Estudos de Processos de Práticas Sociais da Linguagem (Linguística Aplicada/LA)

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lúcia Maria de Assunção Barbosa.

**CÁCERES-MT
2023**

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica elaborada pela Supervisão de Bibliotecas da UNEMATCatalogação de
Publicação na Fonte. UNEMAT - Unidade padrão

Schardosin, Cristiane Villas Boas.

A linguagem na prisão: uma pesquisa da linguística aplicada sobre o uso de gírias entre as detentas de uma cadeia pública feminina no Estado de Mato Grosso / Cristiane Villas Boas Schardosin. - Cáceres, 2024.

92f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes Maldonado", Linguística/CAC-PPGL - Cáceres - Mestrado Acadêmico, Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes Maldonado".

Orientadora: Dra. Lúcia Maria de Assunção Barbosa.

1. Gírias. 2. Reeducandas. 3. Linguística Aplicada. 4. Comunidade de Fala. 5. Práticas Linguísticas. I. Barbosa, Lúcia Maria de Assunção, Dra. II. Título.

UNEMAT / MT-SCB

CDU 81'33:343(817.2)

CRISTIANE VILLAS BOAS SCHARDOSIN

**A LINGUAGEM NA PRISÃO: UMA PESQUISA DA LINGUÍSTICA APLICADA
SOBRE O USO DE GÍRIAS ENTRE AS DETENTAS DE UMA CADEIA
PÚBLICA FEMININA NO ESTADO DE MATO GROSSO**

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Lúcia Maria de Assunção Barbosa.
Presidente e Orientadora — PPGL/UNEMAT/UNB

Pro.^a Dr.^a ...Avaliador
Membro Interno — PPGL/UNEMAT

Prof. Dr. Avaliador Externo
Membro Externo —

APROVADA EM: _____ / _____ / _____

Dedico este trabalho a Deus, cuja graça me proporcionou saúde e força para chegar até este ponto.

À minha mãe, cuja fé e resiliência são uma constante fonte de inspiração para mim.

Ao meu esposo, Alexandre, e aos nossos amados filhos, Lucas, Rafaela, Mariana e Gabriel, cujo apoio e incentivo foram inestimáveis durante esta jornada. Aos meus amigos, cuja crença na minha capacidade me motivou a seguir em frente. E, finalmente, à minha orientadora, cuja confiança no meu projeto me deu a coragem para perseguir este sonho.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, expresso a minha gratidão a Deus, Nossa Senhora e Nosso Senhor Jesus Cristo. Agradeço pela misericórdia, pelo amor incondicional e pelo cuidado.

Ao meu esposo Alexandre, meus amados filhos, Lucas, Mariana, Rafaela e Gabriel, pelo incentivo, paciência e por acreditarem em mim. Amo vocês!

A minha mãe, Elizabeth, que merece um agradecimento especial pelo apoio constante durante essa jornada. Amo a senhora!

A minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Lúcia Maria de Assunção Barbosa, que depositou confiança em mim e me incentivou durante todo esse percurso, minha sincera gratidão.

Aos professores que aceitaram participar da Banca Examinadora desta pesquisa, agradeço pelas contribuições valiosas que trouxeram e que certamente marcaram minha trajetória acadêmica.

As minhas queridas amigas, Maria Catarina e Silvania, que estiveram comigo desde o início deste sonho e foram meu porto seguro nos momentos de angústia, minha profunda gratidão.

À professora Edileuza e toda a gestão da EEDIEB Prof. Milton Marques Curvo, pela compreensão durante o processo de estudo.

À diretora da Cadeia Feminina de Cáceres, Fabiana, que me acolheu como pesquisadora, meu agradecimento.

À professora Amélia Benevides, minha amiga, que aceitou que eu desenvolvesse as atividades em suas aulas, minha profunda gratidão.

Às alunas da Cadeia Feminina de Cáceres, que aceitaram fazer parte dessa pesquisa. Agradeço de coração. Os momentos vividos nessas aulas serão sempre lembrados com emoção.

À professora Francineli, que foi a primeira a ler meu projeto e me incentivar a prosseguir, minha admiração e gratidão.

Ao professor Adson, um presente em minha jornada de pesquisadora, minha admiração e gratidão.

E, finalmente, àqueles que acreditam que a educação e pesquisa transformam pessoas e pessoas transformam o mundo.

*A educação exige os maiores cuidados,
porque influi sobre toda a vida.*

(Sêneca — Filósofo romano)

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo analisar as gírias utilizadas pelas reeducandas em suas interações sociais, a fim de compreender a relação entre essa linguagem e as perspectivas teóricas da Linguística Aplicada. O interesse por este tema surgiu da necessidade de entender as informações transmitidas pelas reeducandas/alunas por meio de um vocabulário específico, o que nos levou ao seguinte questionamento: "É necessário conhecer o vocabulário utilizado por essas pessoas?". Nesse sentido, a interação com essa parcela da população brasileira apresenta desafios consideráveis, pois elas se utilizam de uma linguagem restrita e própria ou seja, característica. Os educadores que ingressam para lecionar nessas unidades prisionais enfrentam, inicialmente, dificuldades significativas para compreender a forma de comunicação das internas. Embora possam ter familiaridade com algumas gírias, em determinados momentos, certas palavras ou expressões utilizadas por esse grupo são completamente incompreensíveis para quem não faz parte dessa comunidade de fala. Para abordar tal questão, examinamos o ensino de Língua Portuguesa na cadeia pública, direcionado a mulheres privadas de liberdade, destacando, para tanto, as condições de ensino e aprendizagem das detentas. Dessa forma, buscamos descrever e compreender a linguagem utilizada nesse contexto específico, com o intuito de delinear as particularidades linguísticas dessa comunidade. A partir das experiências como professora no sistema penitenciário e socioeducativo, foi possível observar que, ao serem privadas de liberdade, bem como inseridas no ecossistema prisional, as reeducandas precisam adaptar-se, por diversas razões, às regras internas estabelecidas pela comunidade de detentas, como por exemplo, pertencimento, segurança e sobrevivência. Uma dessas adaptações envolve a adoção das práticas linguísticas vigentes na cadeia, ou seja, aprender o uso, os significados e a aplicabilidade dos termos utilizados pelas reeducandas veteranas. Com base em todas essas considerações, assumimos, nesta pesquisa, que a fala das detentas é composta por gírias e expressões que são elementos constituintes de seu cotidiano. Essa linguagem torna-se, então, um padrão comunicativo, cujo propósito é integrar os indivíduos, independentemente de classe social, idade, procedência ou delito, em um grupo coeso. A partir dessa investigação sobre a linguagem na prisão, propomos um olhar linguístico acerca das práticas sociais e de linguagem das reeducandas de uma cadeia pública mato-grossense, localizada na cidade de Cáceres-MT. Este enfoque é relevante para os estudos linguísticos na região do Pantanal, uma vez que é um tema pouco explorado na academia. Para fundamentar nossa análise, recorreremos aos estudos da Linguística Aplicada e da Sociolinguística Variacionista, com base nas obras de Goffman (1961), Bagno (1999), Preti (2000), Christie (2006), Eckert (2008), Oliveira e Gomes (2015), Pereira e Souza (2021), Galindo (2021), assim como à Linguística Aplicada Indisciplinar proposta por Moita Lopes (1996) e à Linguística Aplicada Crítica desenvolvida por Rajagopalan (2016), entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Gírias; Reeducandas; Linguística Aplicada; Comunidade de fala; Práticas linguísticas.

ABSTRACT

This dissertation aims to analyze, in the social interaction of re-educated students, the slang used by them and build the perception of the relationship that exists in this language within the perspective of Applied Linguistics. The interest in the topic came from the need to understand the information that was given by the re-educated students/students through slang words. The question then arose: "Is it necessary to know the vocabulary used by these subjects?" Because interacting with this part of the population is not an easy task, considering that they use restricted language. Educators who enter to teach in these Units have, at first, great difficulty understanding the way in which inmates communicate. Although they know slang, in certain moments of conversation with this audience, some words and/or expressions are completely incomprehensible to those who are not part of this group. To this end, we address how Portuguese language is taught in public prison, for women deprived of their liberty, giving visibility to the conditions for teaching/learning inmates. In this way, we seek to describe and understand the language mobilized in these specialties, with a view to outlining linguistic specificities of this speech community. From these experiences as a teacher in the penitentiary and socio-educational system, we were also able to observe that, upon being deprived of liberty and entering the prison ecosystem, re-educated women need to adapt to the internal rules established by the community of inmates, for several reasons, such as: belonging, security, survival, etc. One of these adaptations concerns the adoption of language practices used in the chain, that is, learning the use, meanings and applicability of terms uttered by the re-educated veterans. Given all these considerations, we assume in this research that the inmates' speech is made up of slang and expressions used in their daily lives. This language they use becomes a communicative standard, whose purpose is to integrate individuals, regardless of social class, age, origin and crime, in to a unified group. From this line of investigation on language in prison, we propose to look, linguistically, at the social and language practices of re-educated women in a public prison in Mato Grosso, located in the city of Cáceres-MT. This proposed movement is important for Pantanal linguistic studies, as it is little discussed in academia.

KEYWORDS: Slang; Education; Applied Linguistics; Re-educated

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 — As alunas de Cáceres sendo qualificadas.....	27
Figura 2 — Cidade de Cáceres	29
Figura 3 — Fazenda Jacobina.....	30
Figura 4 — Catedral São Luiz e o Marco de Jauru na raça Barão do Rio Branco em Cáceres	31
Figura 5 — Cáceres, portal de entrada para o Pantanal.....	32
Figura 6 — Mosaico de fotos da Sala de aula da unidade prisional em Cáceres-MT	36
Figura 7 — Sala de aula	37
Figura 8 — Carta codificada contendo uma ameaça a um promotor de justiça	45
Figura 9 — Símbolo do CV	46

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 — Informações sobre as colaboradoras	55
Quadro 2 — Lista de gírias.....	67

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I	19
A EDUCAÇÃO NO SISTEMA PRISIONAL	19
1.1 Breve contextualização	19
1.2. Desafios e possibilidades da educação no sistema prisional.....	21
1.3 Educação no sistema prisional no Estado de Mato Grosso.....	23
CAPÍTULO II	27
O LOCUS DA PESQUISA.....	27
2.1 A cidade de Cáceres	27
2.2 O tráfico de drogas: um caminho ilusório às mulheres	31
2.3 A Escola no Sistema Prisional em Cáceres-MT.....	33
CAPÍTULO III	36
REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLÓGICO DA PESQUISA.....	36
3.1 Linguística Aplicada.....	36
3.2 Contribuições da Sociolinguística Variacionista	39
3.3 Referencial metodológico da pesquisa.....	46
3.3.1 Cuidados éticos	47
3.3.2 Contexto da pesquisa	48
3.3.3 Perfil das alunas.....	49
3.3.4 Descrição das atividades desenvolvidas.....	51
3.3.5 Coleta de dados.....	53
3.3.6 A ação.....	53
CAPÍTULO IV.....	61
ANÁLISE DE DADOS	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
REFERÊNCIAS	66
ANEXOS I – SEQUÊNCIA DIDÁTICA	71
ANEXO II – ATIVIDADE COM A CANÇÃO “OTO PANAMÁ”.....	90
ANEXO III — GLOSSÁRIO DE GÍRIAS	88

INTRODUÇÃO

Esta dissertação consiste em um estudo realizado no âmbito da Linguística Aplicada (LA) em diálogos transdisciplinares com a Sociolinguística. Sendo assim, debruçamo-nos sobre a linguagem utilizada pelas alunas detentas, no contexto das práticas sociais, realizadas na sala de aula de uma escola na Cadeia Feminina do município de Cáceres, Estado de Mato Grosso. Para isso, abordamos como ocorre o ensino de Língua Portuguesa na cadeia pública, para mulheres privadas de liberdade, dando visibilidade às condições colocadas para o ensino/aprendizagem das detentas. Dessa forma, buscamos descrever e compreender a linguagem mobilizada nessas especialidades, com vistas a delinear especificidades linguísticas dessa comunidade de fala e enunciação.

Primeiramente, reforçamos ao leitor as razões que impulsionaram o desenvolvimento da presente investigação. A partir do meu contato com as detentas, na condição de professora de Língua Portuguesa, senti-me instigada a refletir sobre um fenômeno linguístico observado no modo de falar das alunas, qual seja: a gíria. De acordo com Preti (1984), o aparecimento da gíria, como um fenômeno de grupo restrito, se dá em decorrência da dinâmica social e linguística. Trata-se, portanto, de um fenômeno multifacetado e polissêmico que desempenha um papel importante na comunicação e na expressão cultural de uma sociedade, pois é usado para demarcar a identidade e o pertencimento a grupos específicos, como os das presidiárias, por exemplo. Sendo assim, a gíria é caracterizada pelo uso de palavras, expressões ou frases informais que produzem efeitos de sentido apenas na espacialidade discursiva em que são mobilizadas, sejam elas sociais, profissionais, culturais ou até mesmo temporais.

Gírias são fenômenos linguísticos inerentes à mutabilidade da língua que não ocorre em um vácuo. Por esse viés, Labov (2008, p. 21) afirma que “[...] não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade que ela ocorre”. Desse modo, é importante que sejam consideradas as variáveis sociais, econômicas, de gênero, entre outras, no processo de compreensão das mudanças na língua. Para tanto, neste estudo, concebemos a questão da língua como “heterogeneidade sistemática”, definição essa que nos permite a identificação e demarcação de diferenças sociais na comunidade, tornando-se parte da competência linguística dos indivíduos, que compreendem o domínio de estruturas heterogêneas (Weinreich; Labov; Herzog, 2006, p. 101).

Nessa oportunidade, pudemos visualizar e catalogar — por meios diários

descritivos — várias das manifestações linguísticas emergentes desse espaço discursivo, que despertaram a nossa atenção, motivando-nos a investigar o falar das detentas, especificamente, as suas gírias. De acordo com Bortoni-Ricardo (2008), uma das ferramentas do professor-pesquisador é o diário de pesquisa descritivo, local em que são registrados eventos relacionados às práticas de ensino.

Nesse sentido, torna-se pertinente mencionar que, durante uma aula de Língua Portuguesa, ao dizer “A prefeita baixou um decreto”, todas as alunas me olharam caladas e assustadas. Uma delas informou: “Professora! Baixar decreto é...”, e completou fazendo um gesto, passando a mão no pescoço. Pedi, então, que ela me explicasse o significado daquele sinal. A aluna informou que “baixar decreto”, na linguagem do presídio e do crime, significava sentença de morte. Assim como essa expressão, verificamos que muitas outras têm sido utilizadas, tais como: boi (banheiro), jega (cama), morocos (pão), cascuda (comida fornecida pela unidade), jumbo (alimentos trazidos pela visita), quéto (cortina da jega), graxa (manteiga), caco de telha (bolacha de água e sal), mata rato (suco servido na unidade), apenas para mencionar algumas.

A partir dessas experiências como professora no sistema penitenciário e socioeducativo, pudemos também observar, que, ao ser privado de liberdade e adentrar no ecossistema do presídio, os reeducandos, por várias razões, precisam se adaptar às regras internas estabelecidas pela comunidade de detentos, como: pertencimento, segurança, sobrevivência etc. Uma dessas adaptações diz respeito à adoção das práticas languageiras utilizadas na cadeia, ou seja, aprender o uso, os significados e a aplicabilidade de termos proferidos pelos reeducandos veteranos. Como foi colocado, o falar da cadeia é uma variação minuciosamente elaborada que precisa ser mais explorada. Para este fim, a LA oferece dispositivos teórico-metodológicos plausíveis que possibilitam uma visão bem mais integral sobre esse fenômeno linguístico.

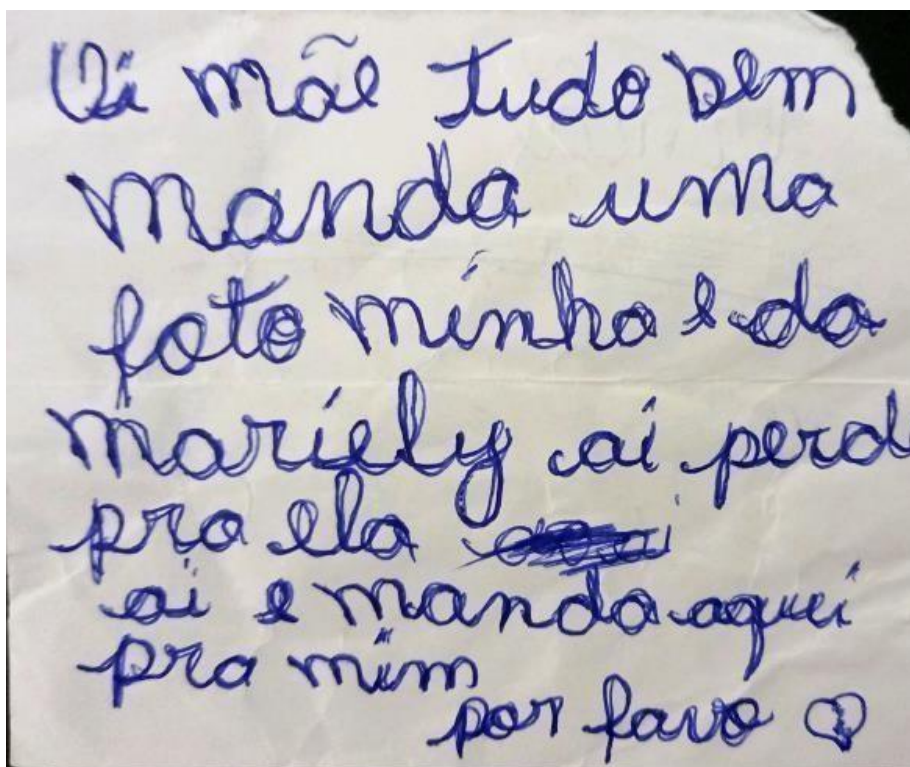
Como em qualquer grupo social, os reeducandos fazem parte, por diversos fatores, de uma cultura própria que impacta os usos da linguagem, tais como: idade, gênero, região de origem, etnia, entre outros. De modo complementar, o ambiente prisional também pode influenciar exponencialmente a linguagem utilizada pelos presidiários, devido a uma série de fatores sociolinguísticos complexos. A teoria da variação social, como proposta por William Labov (2008), sugere que a língua é sensível ao contexto social, fato esse que se aplica de forma intensificada a ambientes como prisões, onde há, entre os detentos, uma diversidade de origens étnicas, sociais e geográficas.

Goffman (1961), em seu trabalho sobre instituições totais, destacou o modo como os indivíduos adaptam seus comportamentos e linguagem para se ajustarem à cultura e às normas específicas desses ambientes. Além disso, autoras como Christie (2006) e Eckert (2008) demonstraram como a linguagem é utilizada para estabelecer identidades

sociais e hierarquias de poder, o que se torna ainda mais evidente em um contexto prisional, no qual as dinâmicas de poder são particularmente acentuadas.

Convém lembrar que a variação linguística, nesse contexto, não se restringe à linguagem oral, mas também pode se manifestar na escrita, como por exemplo, em cartas ou bilhetes (bereu) trocados entre presas e suas famílias, conforme a Figura 1, a seguir:

Figura 1: Bilhete para um familiar



Ôê mãe Tudo bem
manda uma
foto minha e da
Mariely aí poro
pra ela ~~daí~~
aí e manda aqui
pra mim
por favor ♡

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora (2023)

Como foi possível verificar na Figura 1, ocorre a supressão do /r/ no fim de palavras. De acordo com Freire e Oliveira (2019, p. 3), “A variação linguística envolvendo o apagamento do “r” tanto ocorre na língua falada quanto na língua escrita, seja na posição silábica de coda final (externa) ou na posição de coda medial (interna).” De modo complementar, Callou (2015), afirma que o apagamento do /r/ em posição de coda (no final das palavras) é algo que ocorre há tempos, na Língua Portuguesa. Inicialmente, esse processo era visto como uma característica dos dialetos considerados menos cultos. Nas peças teatrais do dramaturgo português Gil Vicente (1465-1536), por exemplo, essa característica era usada para representar a forma de falar dos escravizados, tornando-a uma marca distintiva em suas representações linguísticas.

No entanto, lembramos que a linguagem utilizada pelas presidiárias não é homogênea, podendo variar bastante de acordo com o indivíduo e o contexto em que se encontram. Diante dessa realidade presente nos presídios, alguns estudiosos se debruçaram para compreender o falar da cadeia, dentre eles, Pereira (2011), Pereira e Souza (2021), Galindo (2021), Oliveira e Gomes (2015), entre outros.

Nessa direção, Pereira e Souza (2021) compreendem que, na enunciação presidiária, as gírias são empregadas como um artifício da oralidade, de modo a tornar a linguagem ali articulada como algo secreto, servindo, também, como uma marca identitária de um grupo em específico. De modo análogo, Oliveira e Gomes (2021, p. 939) advogam que “[...] a linguagem utilizada, de forma natural e cotidiana nas prisões, tem algumas singularidades que podem inviabilizar a dialogicidade e consequentemente a interação, quando não compreendida por um dos interlocutores”.

Nesse sentido, segundo Galindo (2021), é extremamente importante para os professores de línguas, em especial, os professores do sistema prisional, que conheçam as variedades decorrentes da língua falada no universo linguístico dos presidiários, pois conhecer a linguagem dos alunos detentos pode facilitar a interação entre professor e aluno no processo de ensino-aprendizagem experienciado no ambiente em questão.

Frente a todas essas ponderações, assumimos, nesta pesquisa, que o falar das detentas é constituído por gírias e expressões utilizadas em seu cotidiano. Tal linguagem que utilizam torna-se um padrão comunicativo, cuja finalidade é a de integrar os indivíduos, independentemente de classe social, idade, procedência e delito, em um grupo uníssono.

Na linguagem falada no dia a dia, a gíria, por exemplo, constitui-se como um recurso linguístico que aproxima os interlocutores, quebrando as barreiras da formalidade, propiciando, então, uma interação mais próxima dos interesses das pessoas que dialogam (Preti, 1996). Sendo assim, quando as mulheres chegam ao presídio e

percebem que precisam se adaptar às práticas sociais e de linguagem dessa espacialidade, há um intercâmbio linguístico e cultural que pode propiciar uma (re)construção de sentidos anteriormente utilizados. Isso ocorre, pois, de acordo com Preti (1984, p.2), porque “a criação dessa linguagem especial pode não apenas atender ao desejo de originalidade, mas também servir a finalidades diversas, como, por exemplo, ao desejo de se fazer entender por indivíduos do grupo, sem serem entendidos pelos demais da comunidade, de onde vem seu caráter hermético”.

A partir dessas considerações, é possível depreender que a gíria utilizada pelas detentas da cadeia pública de Cáceres, muitas vezes, é gerada dentro da própria instituição, porém, outras já foram adquiridas nas comunidades de origem e se somam às das demais usuárias, passando a fazer parte de códigos únicos entre os grupos das reeducandas. A partir dessa linha de investigação sobre a linguagem na prisão é que nos propomos, conforme já asseverado, a olhar, linguisticamente, para as práticas sociais e de linguagem das reeducandas de uma cadeia pública mato-grossense, localizada na cidade de Cáceres-MT.

Para tanto, nossa pesquisa se respalda nos estudiosos da LA e da Sociolinguística Variacionista, a partir dos estudos de Goffman (1961), Bagno (1999), Preti (2000), Christie (2006), Eckert (2008), Oliveira e Gomes (2015), Pereira e Souza (2021), Galindo (2021), bem como a Linguística Aplicada Indisciplinar proposta por Moita Lopes (1996), e a Linguística Aplicada Crítica desenvolvida por Rajagopalan (2016), entre outras.

Assim, as questões que motivaram a investigação foram: Como surge a gíria no contexto prisional? Por que as reeducandas adotam essa linguagem e com qual finalidade? Essas palavras e expressões orais usadas no cotidiano das reeducandas também são usadas em suas atividades escritas?

No ambiente prisional, várias foram as hipóteses delineadas para o surgimento e uso das gírias pelas detentas, como: a busca por uma identidade; a adoção de uma linguagem como modo de fazer parte de um grupo com o qual apresenta afinidades; uma forma de “proteção”, tendo em vista que uma linguagem específica de um ecossistema dificulta a compreensão por uma pessoa de outro grupo, como no caso de professores, e das pessoas que trabalham na cadeia, por exemplo; uma forma de “controle”, para identificar aqueles que são ou não aceitos dentro de um grupo; um modo de “rebeldia contra o sistema”, isto é, uma maneira de se opor à autoridade e à cultura predominante, fora do ambiente prisional.

Considerando o acima exposto, juntamente com nossa experiência com as detentas da cadeia feminina, o objetivo geral deste estudo foi: compreender como a gíria se manifesta no linguajar de um grupo de reeducandas na cadeia de Cáceres. Os objetivos específicos desse estudo são: identificar as razões do uso dessa linguagem;

investigar se há, ou não, marcas de oralidade, tais como gírias e expressões, nas atividades de escrita na disciplina Língua Portuguesa, realizadas pelas alunas; analisar os processos de identificação, afirmação e pertencimento de um grupo de detentas, a partir do uso de expressões linguísticas que constroem e firmam suas identidades, mesmo em um ambiente altamente restritivo.

Com essa pesquisa acerca das gírias entre as detentas, esperamos conseguir informações significativas sobre diversos aspectos da linguagem, cultura e sociedade no ambiente prisional — seara pouco explorada nos estudos linguísticos mato-grossenses. O registro dessas práticas languageiras por sujeitos em espaços privados de liberdade será importante devido ao fato de a língua ser dinâmica e transformar-se constantemente. No entanto, é crucial abordar esse estudo com sensibilidade, consideração e ética, levando em conta questões como privacidade, obtenção de consentimento informado e proteção da identidade das detentas envolvidas.

Dessa forma, a dissertação pretende contribuir para o entendimento das complexas dinâmicas envolvendo a linguagem no sistema educacional prisional, promovendo, para tanto, discussões sobre questões éticas e de privacidade e, concomitantemente, buscando a melhoria das condições educacionais para as pessoas privadas de liberdade no Estado de Mato Grosso.

Isto posto, esta dissertação foi organizada metodologicamente em quatro capítulos e a conclusão. No primeiro capítulo, apresentamos um estudo sobre a educação no Sistema Prisional em Mato Grosso, reflexão que ajudará a entender os princípios e os fundamentos do ensino aos alunos privados de liberdade. No segundo capítulo, delineamos o *lôcus* da pesquisa, abordando acerca da cidade de Cáceres, Mato Grosso, bem como a cadeia da cidade. No terceiro capítulo, realizamos um percurso teórico focado na Linguística Aplicada, ou seja, no seu interesse de estudo, bem como passando pela perspectiva do discurso, de modo a se compreender a questão da identidade. Em seguida, explicitamos acerca da Sociolinguística Variacionista, mais especificamente, a respeito das comunidades de fala e das gírias. Ainda neste capítulo, trazemos as questões metodológicas da pesquisa. No quarto e último capítulo, descrevemos a linguagem em uso pelas detentas no ambiente prisional, analisando a recorrência de gírias e expressões em uso no respectivo ambiente. Na conclusão, analisamos os resultados obtidos neste trabalho.

CAPÍTULO I

A EDUCAÇÃO NO SISTEMA PRISIONAL

1.1 Breve contextualização

Até meados do Século XIX, as prisões eram exclusivamente destinadas à detenção de indivíduos, sem qualquer intuito de promover a ressocialização dessas pessoas. Somente depois do surgimento dos programas de tratamento implementados, dentro das prisões, é que se delineou o formato atual do Sistema Prisional, incorporando a ideia de reabilitação (Novo, 2017). Nesse sentido, Foucault (1998 p.76) afirma que “O direito de punir deslocou-se da vingança do soberano à defesa da sociedade”. Em outros termos, passou-se a considerar as possibilidades de reinserção do detento nas práticas sociais.

A partir dessa nova maneira de se pensar a segurança pública, as prisões e sistemas de punições passaram por significativas alterações, por exemplo, repensar a concepção das penas privativas de liberdade, resultando, então, na criação de prisões organizadas, com o propósito de corrigir os apenados. Nesse cenário, a punição deixou de ser uma mera humilhação moral e física do sujeito, transformando-se em um método e, não obstante, uma disciplina. A lei penal, por sua vez, passou a ter como objetivo não apenas a prevenção do delito, mas também a readaptação do preso.

A prisão, atualmente, fundamenta-se teoricamente na privação da liberdade como forma de proporcionar ao indivíduo uma oportunidade de aprender por meio do isolamento. Essa medida visa afastá-lo da família e de outras relações socialmente significativas, para que ele possa refletir sobre o seu ato criminoso, tornando, assim, um reflexo mais direto de sua punição. Para Foucault (1998), a finalidade da prisão deixou de ser, então, a de causar dor física, ao passo que o objeto da punição deixou de ser o corpo, para assim atingir a alma do infrator.

Em relação ao ambiente prisional, vários autores têm tecido reflexões a respeito das cenas cotidianas. Foucault (1987, p. 224), por exemplo, afirma que “[...] a educação do detento é, por parte do poder público, ao mesmo tempo uma precaução indispensável no interesse da sociedade e uma obrigação para com o detento, ela é a grande força de pensar”. A educação, portanto, é uma das formas de garantir a ressocialização dos detentos, preparando-os para que vivam em

sociedade.

Ressaltamos que a educação é apenas um dos elementos no processo de ressocialização das pessoas privadas de liberdade em contexto prisional. De acordo com o educador Paulo Freire (1975), a escola deve ser um ambiente de trabalho, ensino e aprendizado, onde a convivência permita o constante aprimoramento dos sujeitos. Isso significa que a escola deve ser um lugar onde os alunos possam aprender e crescer juntos, em um ambiente colaborativo e de apoio. Logo, o autor vê a escola e a educação como oportunidades de desenvolvimento de reflexões, criatividade e cidadania.

Paulo Freire (1975, p. 30) afirma que “[...] não é a educação que forma a sociedade de uma determinada maneira, senão que esta, tendo-se formado a si mesma de uma certa forma, estabelece a educação que está de acordo com os valores que guiam essa sociedade”. Essa é uma interpretação interessante do autor, sugerindo que a mudança começa com a autorreflexão e a libertação do "opressor interior" que, em algum grau, todos têm. Ao reconhecer e confrontar nossos próprios preconceitos, estereótipos e comportamentos opressores, podemos, então, contribuir para a libertação coletiva e a justiça social. É, em suma, uma abordagem que, na luta por um mundo mais justo, destaca a importância da autoconsciência e da responsabilidade individual. Nesse sentido, Freire (1991, p.126, grifos meus) pontua que:

Você, eu, um sem-número de educadores sabemos todos que a educação não é a chave das transformações do mundo, mas sabemos também que as mudanças do mundo são um que fazer educativo em si mesmas. **Sabemos que a educação não pode tudo, mas pode alguma coisa. Sua força reside exatamente na sua fraqueza.** Cabe a nós pôr sua força a serviço de nossos sonhos.

Freire (*Ibidem*) tinha um pensamento muito profundo e comprometido com a educação de pessoas excluídas, estejam elas na exclusão social, econômica ou cultural, como as alunas do sistema penitenciário, por exemplo. Sua filosofia educacional era fortemente voltada para a emancipação e empoderamento desses grupos marginalizados, pois valorizava as experiências e culturas das pessoas excluídas, reconhecendo que suas vozes e conhecimentos eram igualmente importantes.

O autor defendia o uso da linguagem e dos contextos culturais das próprias pessoas como ponto de partida para a educação, tornando-a mais relevante e significativa. Com base nas reflexões de Freire, parece-nos pertinente, então, lançar olhares em direção às gírias proferidas pelas detentas da cadeia pública de Cáceres.

Uma das contribuições mais conhecidas de Freire foi o seu método de alfabetização crítica, baseado em abordagens que vão além do simples aprendizado de letras e números. Por esse viés, o educador deve fomentar uma análise crítica da realidade social, política e econômica dos alunos, a fim de que eles se tornem ativos na transformação de suas vidas e comunidades.

1.2. Desafios e possibilidades da educação no sistema prisional

De acordo com Pereira (2011, p. 45), “[...] a educação não pode ser vista novamente como redentora da humanidade e especificamente da pessoa que está presa, pois existem outras faltas históricas que inclusive impulsionaram que a pessoa presa esteja nessa condição”. Nessa lógica, destacamos que a educação para as pessoas presas ainda está em fase de desenvolvimento “[...] em parte, porque a visão que se tem da pessoa presa é aquela que a destitui de todo o direito, considerando-a um escárnio social, portanto, não teria que ter acesso a direitos concedidos às pessoas de bem”. (Pereira, 2011, p. 45). No entanto, alguns estudos, como o de Tinoco e Ribeiro (2018, p. 55) mostram que “[...] a insalubridade, a ausência de normas, quanto à higiene e à moral, são características das instituições penais que não seguem nenhum rigor”. Realidades como estas afetam o desenvolvimento de práticas pedagógicas efetivas nesses espaços, alimentando, assim, estigmas e preconceitos.

A realidade da educação prisional no Brasil enfrenta muitos desafios, tais como a baixa oferta de vagas, a precariedade das condições dos presídios, a falta de valorização dos profissionais da educação, e, a resistência da sociedade em reconhecer a educação como um dos pilares para a ressocialização.

Entretanto, conforme previsto na Constituição Federal (1988) e na Lei de Execução Penal (1984), a educação no sistema prisional é um direito de todos os aprisionados e, também, um dever do Estado. A educação em prisões objetiva socialização, cidadania e formação profissional dos reeducandos, além de contribuir para a remição da pena. De acordo com a Lei de Execução Penal (LEP), nº 7.210, de 11 de julho de 1984:

Institui a Lei de Execução Penal.

Art. 126. O condenado que cumpre a pena em regime fechado ou

semiaberto poderá remir, por trabalho ou por estudo, parte do tempo de execução da pena. (Redação dada pela Lei nº 12.433, de 2011).
 I - 1 (um) dia de pena a cada 12 (doze) horas de frequência escolar - atividade de ensino fundamental, médio, inclusive profissionalizante, ou superior, ou ainda de requalificação profissional - divididas, no mínimo, em 3 (três) dias; (Incluído pela Lei nº 12.433, de 2011).

Como podemos verificar, a Lei de Execução Penal é uma legislação de extrema importância no sistema penal brasileiro, pois busca estabelecer regras e princípios para a execução das penas privativas de liberdade. O artigo 126, em especial, é um dos dispositivos que trata do instituto da remição, isto é, uma forma de incentivar a ressocialização do condenado. Como podemos ver, a remição por trabalho ou estudo é uma medida louvável, tendo em vista permitir que o condenado tenha a oportunidade de reduzir o tempo de sua pena, em troca do esforço dedicado ao aprimoramento intelectual ou à capacitação profissional.

Assim, destacamos que, a remição por estudo, ao incentivar a frequência escolar, comprova que a educação é um meio potente de reintegração do indivíduo à sociedade e na prevenção da reincidência criminal. Além disso, ao estabelecer critérios específicos para a remição por estudo, o legislador assegurou que a frequência escolar seja efetiva e contínua, com um mínimo de três dias de estudo por cada dia remido.

Contudo, devido à pluralidade de realidades presentes no sistema carcerário brasileiro, a efetivação do direito à remição pode encontrar obstáculos, já que, muitas vezes, não são oferecidas condições adequadas para a promoção de educação e trabalho dos detentos. Alguns desses óbices são a superlotação, a falta de recursos e a carência de programas de capacitação que podem dificultar o acesso dos condenados a tais oportunidades.

As escolas que ofertam educação no Sistema Prisional seguem o currículo da Educação de Jovens e Adultos (EJA), devendo contemplar temas relacionados aos direitos humanos, bem como ao contexto de vida dos presos. Dessa forma, os detentos que desejam estudar devem manifestar interesse e aguardar a disponibilidade de vagas.

Dado que o nível educacional nesse contexto geralmente é carente, a chance de inserção no mercado de trabalho para essas pessoas diminui. Nesse horizonte, os programas educacionais podem desempenhar um papel importante na preparação dos reeducandos para o retorno à sociedade. Consequentemente, é importante que as abordagens educacionais na EJA estejam alinhadas com a realidade dos estudantes, promovendo o diálogo e a participação ativa. À vista disso, retomando Paulo Freire (2011, p. 16, grifos meus), o autor explica que:

de educação popular na medida em que a realidade começa a fazer algumas exigências à sensibilidade e à competência científica dos educadores e das educadoras. Uma destas exigências tem que ver com a compreensão crítica dos educadores do que vem ocorrendo na cotidianidade do meio popular. Não é possível a educadoras e educadores pensar apenas os procedimentos didáticos e os conteúdos a serem ensinados aos grupos populares. **Os próprios conteúdos a serem ensinados não podem ser totalmente estranhos àquela cotidianidade.**

A partir dessa perspectiva, entendemos que a educação de jovens e adultos, proposta por Paulo Freire, é uma metodologia própria de trabalho, que une a especificidade da educação em relação a **quem educar, para que e como educar**, podendo servir tanto para a submissão como para a libertação do povo. Em seus métodos, Freire mostrou a capacidade do educando em desenvolver aprendizagem na forma de pensar, sem repetição, com base no seu cotidiano. Suas abordagens pedagógicas influenciaram profundamente a educação popular e emancipatória em todo o mundo.

Tendo em vista que a educação no ambiente prisional é pautada na Educação de Jovens e Adultos, vários benefícios podem ser citados, tais como a oportunidade de romper com o ciclo da criminalidade e da reincidência, a criação de novas perspectivas de vida e trabalho após o cumprimento da pena, a possibilidade de redução do tempo de pena, além de desenvolver habilidades, competências e valores que contribuem para a formação integral e cidadã dos detentos.

1.3 Educação no sistema prisional do Estado de Mato Grosso

A educação no sistema prisional no estado de Mato Grosso é um direito garantido pela Constituição Federal de 1988, pela Lei de Execução Penal de 1984 e pelas Diretrizes Nacionais para a Educação em Prisões, de 2010. A Secretaria de Estado da Segurança Pública (SESP), por meio da Fundação Nova Chance (FUNAC) e da Superintendência de Política Penitenciária, é a responsável pela implementação da educação prisional no estado, em articulação com a Secretaria de Estado de Educação (Seduc), a Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação (SECITEC), a Secretaria de Estado de Assistência Social e Cidadania (SETASC) e o Sistema S (SENAC, SESC, SENAR, SENAI).

Sua oferta se dá por meio da Escola Estadual Nova Chance, criada pelo Decreto nº 1.543, de 28 de agosto de 2009, que funciona dentro dos estabelecimentos penais. A escola utiliza o currículo da EJA, atendendo aos presos dos regimes fechado, semiaberto e aberto, bem como aos egressos do sistema prisional. A cada 12 horas de estudo, o

preso tem direito à remição de um dia de pena. A escola também oferece cursos profissionalizantes em parceria com o Sistema S.

O Plano Estadual de Educação para Pessoas Privadas de Liberdade e Egressas do Sistema Prisional do Estado de Mato Grosso, elaborado em 2021, tem como objetivos, reinserir na sociedade os cidadãos que cumprem pena judicial; proporcionar educação e qualificação aos custodiados do sistema penitenciário; promover o crescimento cultural dos assistidos; e, fortalecer a articulação entre os órgãos responsáveis pela educação prisional.

A oferta da educação prisional no estado de Mato Grosso ainda enfrenta alguns desafios, como a falta de infraestrutura adequada, a escassez de recursos humanos e materiais, a dificuldade de acesso à internet e às tecnologias educacionais, a resistência de alguns profissionais e, de igual modo, da sociedade em relação à educação prisional, entre outros.

Todavia, como professora do sistema penitenciário, temos vislumbrado algumas possibilidades para a melhoria das práticas de ensino e aprendizagem. Um dos pontos cruciais para a potencialização da educação prisional em Mato Grosso está no investimento da infraestrutura das unidades penitenciárias. Para tanto, é necessário que o estado destine recursos específicos para a construção e reforma de salas de aula, bibliotecas e espaços adequados ao ensino. Além disso, é importante implementar, na medida do possível, tecnologias educacionais que contribuam para a atualização do ensino, facilitando o acesso a conhecimentos alinhavados à cultura digital, que é efervescente fora do presídio.

Destacamos, também, que a escassez de recursos humanos é outro obstáculo. Sendo assim, é essencial a contratação de professores capacitados e engajados, com experiência, e, nesse domínio, haver a promoção de capacitações e formações continuadas específicas para os profissionais que atuam na educação prisional.

Segundo o Plano Estadual de Educação para Pessoas Privadas de Liberdade e Egressas do Sistema Prisional do Estado de Mato Grosso, elaborado em 2021, o estado possui 55 estabelecimentos penais, com uma população carcerária de 12.500 presos, dos quais 3.500 são atendidos pela educação prisional, o que representa 28% do total. Esse percentual é superior à média nacional, que é de 13%, segundo o Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (Infopen), de 2017.

Os dados apresentados revelam uma situação preocupante no que diz respeito à oferta de educação prisional no estado. A informação de que apenas 28% da população carcerária é contemplada pela educação prisional chama a atenção para a necessidade de melhorias urgentes nesse âmbito. Essa modalidade de ensino desempenha um papel fulcral na ressocialização de detentos, além de constituir uma ferramenta essencial para a redução da reincidência criminal no país.

Ao proporcionar acesso ao ensino, habilidades profissionais e desenvolvimento pessoal, a educação contribui para que os indivíduos privados de liberdade possam se reintegrar à sociedade com melhores perspectivas e oportunidades. No entanto, a baixa taxa de atendimento educacional dentro do sistema prisional de Mato Grosso mostra que ainda há obstáculos para serem superados.

Nessa estrutura, a educação prisional no estado de Mato Grosso é ofertada em quatro modalidades, quais sejam: alfabetização, ensino fundamental I e II, ensino médio e educação profissional. A maioria dos presos atendidos pela educação prisional está no ensino fundamental I (1.200); seguido pelo ensino fundamental II (1.000); ensino médio (800) e alfabetização (500). Já a educação profissional, por sua vez, é oferecida em parceria com o Sistema S, atendendo cerca de 300 presos por ano, em cursos nas áreas de construção civil, informática, panificação, artesanato, costura, recepcionista, fabricação de hambúrguer, entre outras, como se pode ver nas imagens a seguir (Figura 2):

Figura 2 — As alunas de Cáceres sendo qualificadas

Curso de costura



Fonte: Cáceres Notícias (2023)

Curso de artesanatos



Fonte: Cáceres Notícias (2022)

De acordo com novos dados do Levantamento de Informações Penitenciárias do Departamento Penitenciário Nacional (Depen), divulgados em dezembro de 2021, o número de presos em atividades educacionais dobrou no Brasil em 2021, passando de 95 mil para 190 mil. No entanto, não sabemos se houve aumento ou diminuição da oferta de educação prisional no estado de Mato Grosso, tendo em vista que os dados, por estado, ainda não terem sido divulgados.

Segundo o Plano Estadual de Educação para Pessoas Privadas de Liberdade e Egressas do Sistema Prisional do Estado de Mato Grosso, elaborado em 2021, a diferença entre o número de presos que desejam estudar e o número de presos que são atendidos pela educação é de 9.000 presos, ou seja, 72% da população carcerária. Esse percentual é superior à média nacional, que é de 87%, segundo o Levantamento

Nacional de Informações Penitenciárias (Infopen), de 2017.

As questões mencionadas acima ocorrem devido a vários fatores, tais como a falta de infraestrutura adequada, a escassez de recursos humanos e materiais, a dificuldade de acesso à internet e às tecnologias educacionais, à resistência dos presos e da sociedade em relação à educação prisional, entre outros. Para reduzir essa demanda, o plano estadual propõe algumas estratégias, como por exemplo: ampliar a oferta de vagas nas modalidades existentes, implantar novas modalidades como a educação a distância e a educação superior, fortalecer as parcerias com o Sistema S, bem como outras instituições para a oferta de cursos profissionalizantes, investir na formação continuada dos professores e agentes penitenciários, sensibilizar os presos e a sociedade sobre a importância da educação prisional, entre outros artifícios.

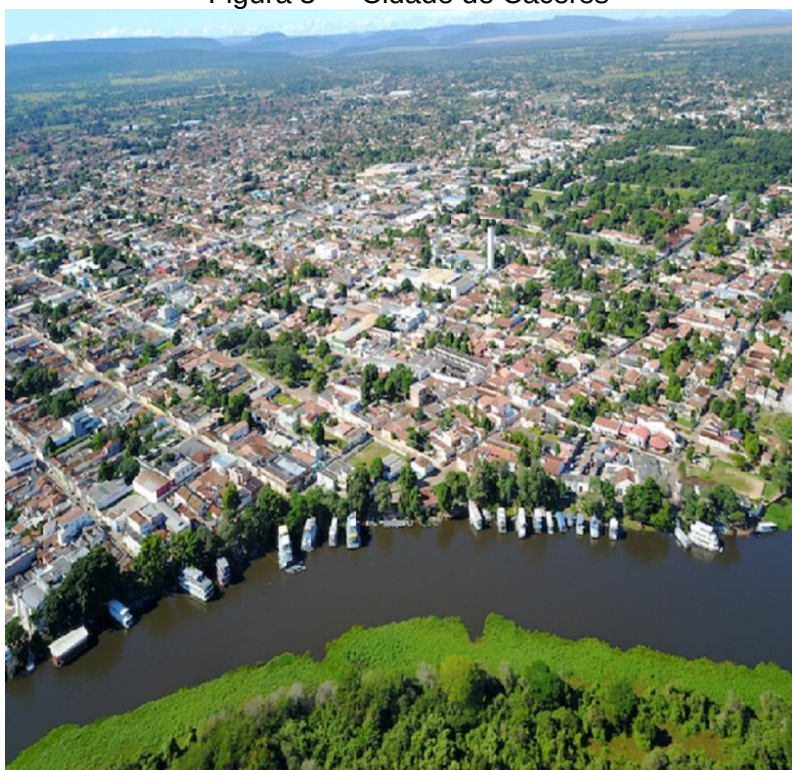
CAPÍTULO II

O LOCUS DA PESQUISA

2.1 A cidade de Cáceres

A cidade de Cáceres, vide figura 3, está localizada a noroeste do estado de Mato Grosso, distante a 220 quilômetros da capital Cuiabá.

Figura 3 — Cidade de Cáceres



Fonte: Foto da Prefeitura Municipal de Cáceres¹

Cáceres nasceu com o nome de Vila de São Luís de Cáceres. Foi fundada em 6 de outubro de 1778, pelo tenente de Dragões Antônio Pinto no Rego e Carvalho, por determinação do quarto governador e capitão-general da capitania de Mato Grosso, Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres. Para isso, foi criado, pela Coroa portuguesa, núcleos urbanos, conforme nos mostra Chaves (2011 p.16):

Entenda-se por criação de núcleos urbanos, não somente a

¹ Disponível em <https://www.sinfra.mt.gov.br/>

fundação de novas vilas, mas também a atribuição desse estatuto a antigas povoações (aldeamentos, lugares, freguesias e arraiais). Importante lembrar que o termo vila (ou cidade) atribuía um estatuto político à povoação, com uma jurisdição de justiça e de administração locais. Símbolo de autonomia municipal, a Câmara, todavia, tinha as suas atividades fiscalizadas por funcionários régios que garantiam uma relativa homogeneidade quanto ao trabalho administrativo e de justiça que os vereadores e juízes ordinários realizavam. Ao mesmo tempo em que novas vilas e cidades estavam sendo criadas, o governo português legislava sobre o estatuto político de seus súditos americanos. Os indígenas e os mestiços de pais índios que antes não detinham os privilégios de vassalos do reino, passam a ser reconhecidos como tais, procurando-se conduzir essas populações para viverem sob a égide das câmaras municipais.

Após a sua fundação, Cáceres ganhou um novo nome, Vila-Maria do Paraguai, em homenagem à rainha reinante de Portugal. Inicialmente, era apenas uma modesta aldeia, tendo a igrejinha de São Luiz de França como ponto central. Na primeira metade do século XIX, a grandiosa Fazenda Jacobina (Figura 3) se destacava como a maior de Mato Grosso, em área e produção, sendo também o refúgio do líder Sabino Vieira, durante a malograda revolução baiana, na qual faleceu, em 1846 (Ferreira, 2004).

Figura 4 — Fazenda Jacobina



Fonte: PEREIRA LEITE, Luis-Philippe. Vila Maria dos Meus Maiores. 1978².

² Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Fazenda_Jacobina

A fundação do povoado teve múltiplas motivações, a saber: garantir a defesa e expansão da fronteira sudoeste de Mato Grosso, estabelecer conexões entre Vila Bela da Santíssima Trindade, Cuiabá e a capitania de São Paulo, além de aproveitar a fertilidade do solo local e a riqueza dos recursos hídricos. Em 1860, Vila-Maria do Paraguai já contava com sua Câmara Municipal, no entanto, apenas em 1874 foi elevada à categoria de cidade, com o nome de São Luiz de Cáceres, em homenagem ao padroeiro e ao fundador da cidade (Ferreira, 2004).

Em 1938, o município adotou o nome de Cáceres, deixando para trás a sua denominação anterior. Em fevereiro de 1883, foi erguido, na Praça da Matriz, atual Barão do Rio Branco, o Marco do Jauru, em comemoração ao Tratado de Madri, de 1750. Juntamente com a majestosa “Catedral de São Luís”, cuja construção teve início em 1919, mas só foi concluída em 1965. Esses dois monumentos se destacam como principais atrativos turísticos da cidade (Figura 4).

Figura 5: Catedral São Luiz e o Marco de Jauru na praça Barão do Rio Branco em Cáceres



Fonte: Foto de Ronivon Barros³

A navegação pelo Rio Paraguai impulsionou o comércio com Corumbá,

³ Disponível em: <https://www.caceres.mt.gov.br/Noticias/>

Cuiabá e outras localidades, enquanto o crescimento das atividades agropecuárias e extrativistas deu origem a importantes estabelecimentos industriais, como as usinas de açúcar e as charqueadas de Descalvados e Barranco Vermelho, que marcaram época (Silva, *et al.* 2009).

Ao percorrer as históricas ruas de Cáceres, somos transportados para o passado, ainda quando a cidade desempenhava um papel estratégico na rota dos bandeirantes, tornando-se ponto de encontro para exploradores e colonizadores que desbravavam o interior do Brasil. Suas construções preservadas narram histórias de um tempo distante, envolvendo-nos em um ambiente nostálgico e encantador.

Cáceres é reconhecida como a porta de entrada para o Pantanal, a maior área úmida continental do mundo (Figura 6). O município abrange uma parte significativa do Pantanal mato-grossense, atraindo turistas apaixonados pela biodiversidade e pelas belezas naturais da região. Cáceres possui um clima tropical úmido, caracterizado por duas estações bem definidas, a saber: uma chuvosa, entre outubro e março, e outra seca, de abril a setembro. As temperaturas são elevadas durante a maior parte do ano. (Silva, *et.al.* 2009).

Figura 6 — Cáceres, portal de entrada para o Pantanal



Fonte: Ronivon Barros⁴

⁴ <https://portalmatogrosso.com.br/caceres-a-princesinha-do-rio-paraguai-no-esplendor-da-cheia-do-pantanal/>

A cultura de Cáceres preserva antigas tradições, como festas populares, folclore, música e danças típicas da região pantaneira. O artesanato também é uma expressão importante da cultura local, com destaque para peças feitas de couro, cerâmica e fibras naturais. Cáceres é um relevante centro educacional na região, abrigando a Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat).

Além disso, o turismo desempenha um papel econômico significativo, impulsionado pelas belezas naturais do Pantanal e pela pesca esportiva. A cidade é banhada pelo Rio Paraguai, um dos principais rios da América do Sul. Suas águas serenas e paisagens exuberantes fazem de Cáceres um refúgio para os amantes da natureza. A região abriga uma rica biodiversidade, com uma variedade impressionante de aves, mamíferos e répteis, incluindo espécies ameaçadas de extinção. É um paraíso para os observadores de pássaros e fotógrafos da vida selvagem. Conhecida como a “Porta do Pantanal”, Cáceres oferece acesso a uma vasta planície alagada que se estende por milhares de quilômetros quadrados. Essa região única é o lar de uma miríade de espécies, desde jacarés e capivaras até onças-pintadas e ariranhas. Os turistas têm oportunidade de explorar essa maravilha natural por meio de safáris de barco ou trilhas guiadas, mergulhando em um mundo intocado e cheio de aventuras.

2.2 O tráfico de drogas: um caminho ilusório às mulheres

Como professora do sistema penitenciário, temos percebido que as detentas cumprem suas penas, em sua maioria, pelo tráfico de drogas. Cáceres é uma cidade que faz fronteira com San Matias, Bolívia. Isso facilita a circulação, entrada e saída de pessoas na fronteira, para estudar, trabalhar, bem como para questão de serviços de saúde e comércio. A cidade também conta com muitos imigrantes bolivianos que vieram em busca de melhores condições de vida. Muitas escolas, a título de exemplo, na região de fronteira, recebem alunos bolivianos.

Vários brasileiros buscam a Bolívia para estudar no Curso de Medicina, na cidade de Santa Cruz de La Sierra. As necessidades econômicas e sociais possibilitam a propagação de redes de intercâmbios de toda ordem, dentre elas, as organizações que exploram o comércio ilegal de drogas, como bem menciona Olivera (2010, p. 250):

A quantidade de bolivianos de outras localidades que Aprocuam a fronteira, seja para fixar-se ou, simplesmente, em busca de algum serviço oferecido, é muito expressiva [...]. Ou seja, há diversas formas de “integração funcional” tipo: o comércio a retalho, a pequena (caseira) produção industrial, os serviços de qualquer natureza, sem aporte formal (...) como a compra e venda de imóveis, as pequenas transações de capitais, o aluguel de máquinas, instrumentos e equipamentos.

Nesse contexto, reproduz-se uma circulação construída por relações de amizade, parentesco, parcerias e afinidades diversas. Mas, por outro lado, há intercâmbios que enviesam o corte funcional do território com uma “participação invisível”, dispondo aquela fronteira no mapa do tráfico internacional de entorpecentes, especialmente, cocaína e derivados. Aqui, nesta soma de ambiguidades, adentram as mulheres, possíveis “futuras alunas no Sistema Prisional”.

São sobre as mulheres, “mulas” do tráfico, denominadas desse modo justamente por conta do animal característico, o qual aceita carregar qualquer coisa sem reclamar, que recai o fardo mais pesado de transportar a droga, assim como a maior possibilidade de perder a liberdade e a vida. Entre as razões que justificam a participação delas, Rodrigues (2009, p.175) aborda que:

Com relação aos delitos de venda e tráfico de drogas é necessário deixar claro que: o tráfico de drogas é uma atividade que permite às mulheres seguir desempenhando os seus papéis sociais (mãe, esposa e dona de casa); além disso, a alta rentabilidade do tráfico de drogas versus a baixa rentabilidade do trabalho feminino aparece como outro fator decisivo para o ingresso no tráfico de drogas.

Também é possível comprovar os seguintes elementos: condição de pobreza, baixa escolaridade, residência, a maioria, em alhures, atividade regular, primária; bons antecedentes criminais; não se dedicava à prática de delitos; não utilizava emprego de violência contra outras pessoas, e, no mesmo segmento, não integrava organizações criminosas.

É neste ambiente de trocas variadas e interações diversas que se estabelece uma atmosfera propícia para funcionalidades distintas, pois sempre estiveram mais expostas e vulneráveis que outros componentes, seja pela sua condição de mulher, seja pela sua condição social. De acordo com Neto, Vanrell

e Júnior (2012, p.100):

Quando a droga passa por Cáceres, os traficantes aplicam a criatividade em várias modalidades de transporte, como por exemplo: a droga presa ao corpo (método comum em todo o mundo) ou trazidas pelas “mulas humanas”, na forma de cápsulas de cocaína engolidas ou introduzidas nos orifícios naturais do corpo humano.

De modo complementar, Ferreira (2017) afirma que Cáceres e San Matias possuem um Comitê de Integração Bilateral Cáceres/San Matías. Por conta disso, passaram a ser cidades-irmãs, recebendo o nome de “cidades-gêmeas”. Para o autor, “[...] após a assinatura do Acordo de Integração tem havido mais ações conjuntas no combate ao tráfico de drogas, roubo de veículos e nas atividades zoofitossanitárias. Destaca-se ainda a maior integração cultural e os atendimentos a bolivianos nos hospitais de Cáceres.” (*Ibidem*, 2017, p. 87).

2.3 A Escola no Sistema Prisional em Cáceres-MT

O Sistema Prisional é o lugar menos provável que um professor queira lecionar, devido a vários tabus e preconceitos associados ao ambiente em questão. A falta de conhecimento sobre as práticas pedagógicas nesses espaços é resultado de vários fatores, como a ausência de discussão sobre essa modalidade de ensino na graduação, a preferência dos estágios supervisionados no ensino regular e os estigmas, medos e pavores de se lecionar para um público privado de liberdade.

Como professora de linguagem, que trabalhou no Sistema Prisional na Cidade de Cáceres-MT por cerca de 10 anos, destaco que nunca presenciei a participação de estagiários, tampouco o contato da universidade com esse público. No entanto, é importante ressaltar que, no ano de 2023, estive lotada no Sistema Socioeducativo e não mais no Sistema Prisional.

A oferta dessa modalidade, na rede de ensino de Cáceres, começou no ano de 2008, como uma extensão da Escola Estadual Prof. Milton Marques Curvo. Todavia, em 2009, a Escola Estadual Nova Chance assumiu o *status* de educação formal do Sistema Prisional no Estado de Mato Grosso. Essa instituição possuía sede em Cuiabá-MT e tinha como entidade mantenedora a Secretaria do Estado de Educação (Seduc). Em 2021, a Escola Estadual Nova Chance foi extinta, fato esse que levou a Escola Estadual de Desenvolvimento Integral da Educação Básica Prof. Milton Marques Curvo (EEDIEB)

a assumir, novamente, a Escola nas Cadeias Públicas de Cáceres e no Sistema Socioeducativo.

A unidade feminina de Cáceres conta com uma sala de aula que abrange turmas de Ensino Fundamental e Médio, como se vê nas imagens das figuras 7:

Figura 7 - Mosaico de fotos da Sala de aula da unidade prisional em Cáceres-MT



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2023)

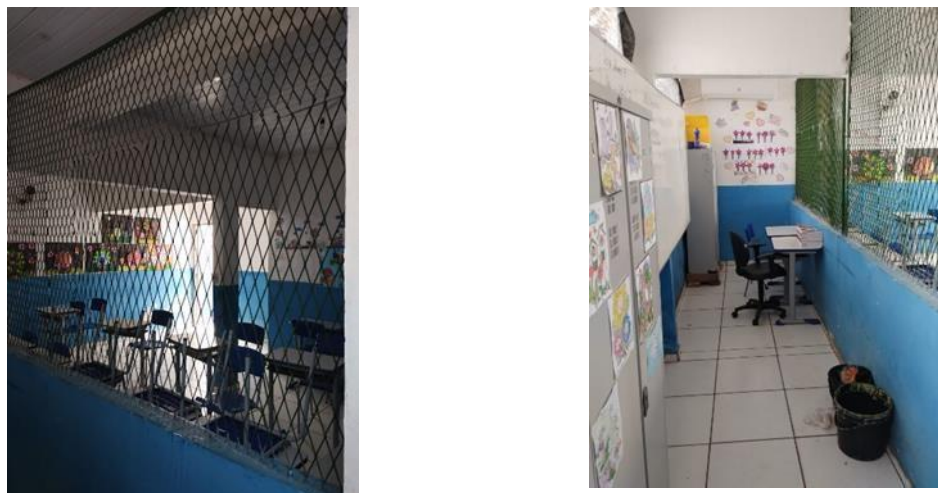
Essas turmas são multisseriadas, compostas por alunas oriundas de diversas regiões do Brasil, incluindo algumas estrangeiras, principalmente bolivianas, devido à localização da cidade na fronteira Brasil/Bolívia. O ensino regular é um incentivo para que as detentas estudem, mais especificamente, um benefício proporcionado pela Lei 12.433/2011⁵, que cria a possibilidade de remição de pena, por meio dos estudos, conforme já mencionado. Anteriormente, o direito à remição só ocorria pelo trabalho, conforme previsto na Lei 7.210/1984⁶.

É necessário sublinhar que, entre os anos de 2008 e 2011, não havia separação entre professores e alunos nas salas de aula da cadeia de Cáceres. Somente a partir de 2011, o Excelentíssimo Juiz Carlos Roberto Barros de Campos solicitou que fosse colocada uma grade entre o docente e os reeducandos, uma vez que os agentes somente iriam fazer os procedimentos de segurança, como contagem de presos, abertura das celas, retirada do preso, através de uma tranca aérea. Desse modo, as únicas pessoas que teriam contato direto com os reeducandos, dentro dos blocos, seriam as professoras, e, para ter acesso à sala de aula, os professores passavam por entre as celas.

⁵ Link da Lei 12.433/2011: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/l12433.htm

⁶ Link da Lei: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7210.htm

Figura 8 — Sala de aula



Fonte: Arquivo da pesquisadora (2023)

Assim, a cadeia passou por várias mudanças físicas e pedagógicas durante esses 10 anos em que estivemos como professora. Inicialmente, a sala de aula foi adaptada em uma cela destinada à confecção de artesanato. Durante os dias de visita, esse espaço era utilizado pelas reeducandas que não recebiam visitantes, tornando-se uma sala insalubre, com todas as características específicas de uma cela. Contudo, houve uma reforma nesse período, viabilizando, então, algumas melhorias. Atualmente, a sala de aula mantém a mesma estrutura predial, mas com a colaboração do Conselho da Comunidade de Cáceres — Instituição filantrópica para recuperação de reeducandos sem fins lucrativos — foram instalados ventilador, televisão e ar condicionado.

A edificação onde se encontra a cadeia feminina é antiga, tendo sido originalmente construída para abrigar a antiga delegacia de polícia. Mesmo com as

reformas e intervenções das gestões, com o objetivo de proporcionar um local propício à educação, a sala de aula ainda apresenta diversos problemas, como por exemplo: goteiras, a ausência de um espaço próprio para as professoras guardarem os seus pertences, a falta de um banheiro para as professoras e a inexistência de uma biblioteca adequada.

CAPÍTULO III

REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLÓGICO DA PESQUISA

Neste capítulo, vamos abordar a teoria que fundamenta a pesquisa, que é a Linguística Aplicada (LA), em articulação com a Análise de Discurso e Sociolinguística, uma vez que este trabalho volta o seu olhar para a identidade das detentas, bem como para a variante linguística, a gíria. Em seguida, apresentamos o referencial teórico utilizado no trabalho, explicando como que a pesquisa se desenvolveu.

3.1 Linguística Aplicada

A Linguística Aplicada (LA) é um campo de estudo interdisciplinar que se ocupa da aplicação prática dos conhecimentos linguísticos em diversas áreas da vida cotidiana. Uma das vertentes dessa ciência busca investigar e resolver problemas relacionados ao uso e aprendizagem de línguas, levando em consideração as necessidades e demandas das comunidades linguísticas. O pesquisador, nesse contexto, torna-se parte fundamental da investigação, coparticipando do fenômeno escrutinado. Essa perspectiva da LA é observada por Moita Lopes (2008, p.16), quando diz que:

As áreas de investigação mudam quando novos modos de fazer pesquisa, tanto do ponto de vista teórico quanto metodológico, são percebidos como mais relevantes para alguns pesquisadores que, ao adotar persuasões particulares, começam a ver o mundo por meio de um par diferente de óculos, por assim dizer, passando a construir (ênfase: construir) o quê e o como se pesquisa de modos diferentes.

As palavras do autor nos convidam a reconhecer a dinâmica da evolução das áreas de investigação dentro da LA, enfatizando como novas perspectivas teóricas e metodológicas podem afetar o modo como os pesquisadores visualizam o mundo e, por consequência, moldam as suas pesquisas de maneiras distintas. Moita Lopes (2008) também destaca que a percepção de relevância é subjetiva, podendo variar entre diferentes cientistas.

O aspecto anteriormente descrito é fundamental, pois ressalta que a construção do conhecimento na LA não é um processo estático e imutável. Pelo contrário, é um campo plástico em que diferentes perspectivas podem coexistir, e, com o passar do tempo, novas abordagens podem surgir. Isso abre espaço para a criatividade e inovação

na pesquisa, estimulando novas descobertas e contribuições para a área.

Nessa ótica, a metáfora dos “óculos” ilustra a importância da perspectiva individual e subjetiva do pesquisador na condução de suas investigações. Cada cientista possui suas crenças, valores e influências teóricas, o que pode moldar suas escolhas metodológicas e determinar os tópicos de pesquisa que consideram relevantes. Essa diversidade de perspectivas é enriquecedora para a LA, já que permite que diferentes questões sejam exploradas, ampliando o alcance do conhecimento produzido.

Além disso, as palavras de Moita Lopes (2006) sugerem que a LA não se limita a descobrir fenômenos preexistentes, mas também envolve a construção de novos conhecimentos, teorias e abordagens. Esse processo reflexivo e criativo é essencial para o avanço do campo e para a busca de soluções relevantes para questões linguísticas no mundo real. Contudo, é fundamental equilibrar a liberdade de construção com a responsabilidade científica, garantindo que as pesquisas sejam sólidas e confiáveis em seu propósito de contribuir para a compreensão e resolução de questões linguísticas em diferentes contextos, evitando que se tornem uma “salada teórico-metodológica”.

Historicamente, a LA surgiu como uma disciplina independente, na década de 1960, a partir da percepção de que a pesquisa linguística poderia ter um impacto significativo no mundo real, além de contribuir para o avanço teórico da linguística. Ela se distingue da linguística teórica, que se preocupa, principalmente, com a descrição e análise das estruturas e funcionamento das línguas, ao enfatizar a relação entre a teoria e a prática.

Os linguistas aplicados trabalham em uma variedade de contextos, como ensino de línguas, tradução e interpretação, análise de discurso, políticas linguísticas, comunicação intercultural, aquisição de segunda língua, planejamento curricular, entre outros. Eles aplicam princípios linguísticos para resolver problemas reais enfrentados por indivíduos e comunidades, ajudando a desenvolver abordagens eficazes para a compreensão, descrição e resolução de problemas de linguagem.

Os estudiosos dessa área buscam abordagens críticas e reflexões que consideram o contexto sociocultural em que as línguas são usadas e a diversidade linguística existente. Essa ciência visa aplicar os conhecimentos linguísticos para solucionar problemas concretos relacionados às línguas, considerando as necessidades das pessoas e das comunidades em diferentes contextos. Ela está comprometida em estabelecer uma ponte entre a teoria linguística e as práticas sociais, contribuindo para a compreensão e aprimoramento das questões linguísticas na vida real. Para Moita Lopes (2008), esse fato levou à compreensão de que o linguista aplicado precisaria se envolver com diferentes tipos de conhecimento teórico para tentar entender, de forma abrangente, a questão de pesquisa com a qual se deparava, ultrapassando os limites de sua própria área de conhecimento e atravessando outras disciplinas correlatas.

Assim, a partir de uma perspectiva interdisciplinar, autorizada pela LA, vamos trabalhar com noções de outras áreas do conhecimento, a saber: Análise de Discurso (AD) e Sociolinguística Variacionista.

A noção de língua/discurso da AD, que compreende a linguagem como não transparente, nem neutra. Ela é repleta de significados simbólicos que nos conectam diariamente com o mundo, com outras pessoas e com a história. Através dela, contribuímos com nossos pensamentos e ações para reproduzir ou transformar esses significados (Orlandi, 1999). Compreendemos com Orlandi que:

A linguagem é linguagem porque possui sentido, e esse sentido é construído na história. Ela atua como uma mediação entre o ser humano e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, viabiliza tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do ser humano e da realidade em que ele está inserido (Orlandi, 1999).

Na busca por uma concepção de identidade mais flexível, propomos refletir sobre a identidade dos sujeitos da pesquisa por meio do discurso, uma vez que a identidade pode ser percebida através de enunciações (enunciados/textos). Nesse sentido, a noção de discurso pode nos ajudar a compreender os contextos para analisar a materialidade discursiva do objeto de estudo, no nosso caso a fala/discurso das detentas. Moita Lopes (1998) compreende o discurso como *fabricante da identidade*, de outro modo o autor entende o discurso como *processo*

de significação, manifestado em linguagem, e o discurso que leva à percepção de uma específica identidade, os chamados “discursos de identidade”.

Com a AD compreendemos que o discurso é determinado pelas condições de produção, pela história, pelas formações discursivas e ideológicas. Ao analisar o discurso das detentas, vamos poder perceber a constituição da identidade dessas mulheres, que se encontram privadas de liberdade.

Recorremos, ainda, à um conceito da Sociolinguística Variacionista, que é a *comunidade de fala* (doravante CF) e de variação linguística, a gíria. Em relação à comunidade de fala, diz respeito às características compartilhadas por um grupo de falantes que podem afetar suas práticas languageiras e, assim, afetar a variação e a mudança da língua (Wiedemer, 2008).

Nessa perspectiva, torna-se pertinente revisitar o que afirmou Labov (1972, p. 184), uma vez que, ao situar o estudo da língua no contexto social, ele propôs “[...] o estudo da estrutura e evolução da língua dentro do contexto social da comunidade de fala”. Esse pensamento ofereceu aos pesquisadores das línguas novas maneiras de descrever e analisar as línguas em funcionamento nos contextos de fala, isto é, em uma Comunidade de Fala (CF). É importante destacar que a perspectiva laboviana reconhece a

heterogeneidade linguística, como uma característica vital que permite ao sistema linguístico se manter ativo e em funcionamento, mesmo em períodos de mudança (Wiedemer, 2008).

3.2 Contribuições da Sociolinguística Variacionista

Desde o seu surgimento, o homem busca meios de se comunicar, tendo em vista que a comunicação é imprescindível à sua subsistência e a própria perpetuação da espécie. Com o tempo, o ser humano foi desenvolvendo diferentes códigos que resultou na formação de grupos, cujas características comuns criam um elo.

[...] a comunidade de fala não é definida por nenhum acordo/contrato no uso de elementos de língua, mas pela participação em um jogo de normas compartilhadas; tais normas podem ser observadas em tipos claros de comportamentos avaliativos e pela uniformidade de modelos abstratos dos padrões da variação que são invariáveis em relação aos níveis particulares de uso (Labov, 1972, p.120-121).

A visão exposta no excerto atribui aos estudos linguísticos um papel importante ao analisar a língua em seu contexto social e cultural. Em vez de focar exclusivamente na gramática e nos aspectos formais da linguagem, essa abordagem destaca a dimensão sociolinguística, reconhecendo que as normas e as variações linguísticas são moldadas e influenciadas pelos grupos sociais e culturais em que as pessoas estão inseridas, como no presídio.

Ao entender a comunidade de fala como um conjunto de normas compartilhadas, a LA em diálogos com a Sociolinguística, pode ajudar a desmistificar ideias preconcebidas de que há apenas uma forma correta de falar e que outras variações são subalternas. Essa perspectiva abre espaço para a valorização das diferentes formas de expressão linguística e reconhece a riqueza da diversidade linguística presente em uma sociedade, como é o caso, por exemplo, do falar das presidiárias.

A proposição de Labov (1972) aponta que a linguagem é uma parte intrínseca da construção da identidade individual e coletiva, uma vez que, ao usar a linguagem, os sujeitos expressam sua filiação a grupos sociais específicos e, ao mesmo tempo, estabelecem fronteiras e identidades em relação a outros grupos. Esse aspecto é evidente nas práticas sociais e languageiras do presídio e se manifesta por meio de múltiplas linguagens, como as tatuagens, os sinais e códigos, as gírias e expressões, entre outros.

Tais ponderações remetem às palavras de Braga (2008), citando Clemer (1958), quando diz que o comportamento de um indivíduo em qualquer sociedade é determinado

pelos padrões culturais, ou seja, pelas formas de aceitação social da conduta individual. Braga (2008) afirma que, no caso do indivíduo preso, a diferença reside na influência da cultura prisional na formação desses papéis e na própria dinâmica das interações sociais que, conforme ressaltamos nesta dissertação, se dá na e pela linguagem.

É pertinente dizer que o ambiente prisional tem uma linguagem própria, onde a comunicação pode ser limitada ou restrita e, para que esse diálogo ocorra de maneira secreta, criou-se subterfúgios, dentre eles, as gírias, tema da minha pesquisa, bem como as tatuagens que tornaram uma maneira eficaz de transmitir

informações. Braga (2008) descreve a cultura prisional como englobando hábitos, sistemas de comportamento, costumes, regras, ideias, opiniões, concepções sobre a vida, trabalho, relações, sentimentos etc., compartilhados pelos detentos.

Essa cultura é entendida, de acordo com Clemmer (1958), como uma força que molda as atitudes individuais, resultantes da interação entre a estrutura social (organização formal e informal da instituição prisional) e o processo social (interações entre os detentos e entre estes e os funcionários da prisão).

Lupo (2018) diz que as tatuagens, não são necessariamente de um grupo específico e, muitas vezes, servem como uma forma de expressão individual, como ocorre com os aprisionados. Isso significa que as pessoas podem escolher fazer tatuagens por razões pessoais e não apenas para se identificar com um grupo específico. Assim, nos apoiamos no autor para destacar que:

A arte de marcar ou tatuar o próprio corpo remonta a 3.300 a.C., se difundindo por todos os continentes. Tal hábito, naquela época, tinha diversas finalidades, como: identificação de grupos sociais, rituais religiosos, ornamentação, camuflagem, terapêutica, embelezamento, marcação de marinheiros, escravos, prisioneiros e de grupos criminosos. Hoje em dia, porém, as gravuras não pertencem necessariamente a um grupo, servindo, muitas vezes, como forma de expressão individual (Lupo, 2018, *online*)

Nos presídios, as tatuagens assumem um significado especial e se tornam uma forma de linguagem visual que comunica informações, identidades, afiliações e histórias. As tatuagens podem esconder significados ocultos e símbolos que não são imediatamente compreendidos por todos, funcionando como uma forma de comunicação secreta entre detentos ou como uma maneira de evitar a detecção pelas autoridades. Além disso, podem representar forma de adaptação ao ambiente prisional e de resistência às dificuldades enfrentadas. Para alguns detentos, tatuagens são uma maneira de afirmar sua força, coragem ou atitude de desafio diante de circunstâncias adversas.

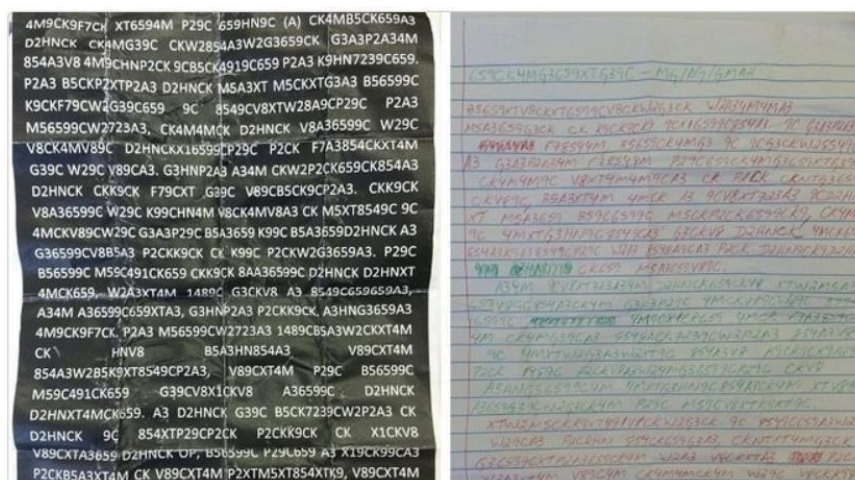
Além das tatuagens, há outras formas de comunicação desenvolvidas pelos

detentos. De acordo com os jornalistas Perez e Dalapola (2018), algumas cartas são escritas por presos que recebem ordens de líderes do alto escalão de suas facções criminosas. Depois de serem escritas, elas são enviadas para um setor de codificação, onde um detento responsável transforma o texto em códigos. Somente após essa codificação, as cartas são enviadas para fora do presídio.

Os membros da facção criminosa, frequentemente, alteram os símbolos usados nas correspondências semanalmente, criando novos códigos e fazendo modificações nas letras e números de cada palavra. Essas mensagens codificadas são transmitidas tanto para pessoas fora dos presídios quanto para os detentos internos, como se pode ver na imagem da figura 8:

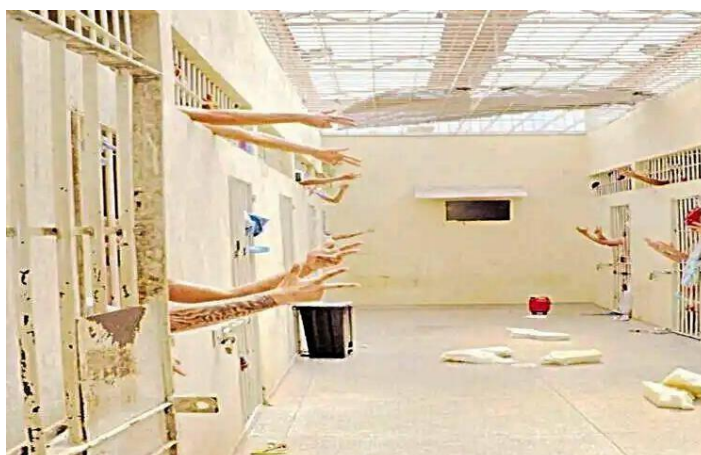
Outra forma de comunicação nos presídios ocorre por meio de sinais feitos com as mãos. Conforme Amaral (2023), a expressão “Tudo 2” é uma gíria utilizada por criminosos, pertencentes à facção chamada Comando Vermelho. Essa expressão refere-se ao sinal que eles fazem com as mãos, simbolizando as letras “C” e “V”, iniciais de Comando Vermelho. O “V” é representado por dois dedos, que também são usados para representar o número dois. Por outro lado, o símbolo “3”, feito com as mãos, é associado à facção conhecida como Primeiro Comando da Capital (PCC), conforme podemos ver na imagem da figura 9:

Figura 1 — Carta codificada contendo uma ameaça a um promotor de justiça



Fonte: Perez e Dalapola (2018, online)

Figura 2 — Símbolo do CV



Fonte: Amaral (2023, *online*)

Segundo Braga (2008), embora a prisionização afete cada detento de maneira única, todos acabam sendo influenciados pela cultura prisional. Ao experimentar o encarceramento, eles passam a dividir as dificuldades e aflições da vida na prisão, bem como o desejo inabalável pela liberdade, além de adotarem um estilo de vida e formas de comunicação característicos ao ambiente prisional.

Diante das manifestações languageiras apresentadas, recorremos a Tinoco e Ribeiro (2016, p. 61) quando os autores, por meio das contribuições labovianas, destacam que a influência de elementos extralinguísticos podem, sim, moldar a comunicação das pessoas, como a escrita e o falar das presidiárias, por exemplo. Por ser um ambiente perigoso, “[...] adaptar-se à vida no cárcere requer o acerto do tempo, não dos relógios, porque estes não fazem parte desse cenário, e sim as regras e comportamentos predeterminados pelo grupo”. Nessa ótica, uma forma de sobreviver no presídio é ser um “camaleão”, isto é, adequar-se às paisagens comunicativas, como o uso de gírias, símbolos, códigos, tatuagens etc.

Portanto, é lícito supor que as gírias utilizadas no cotidiano desses sujeitos servem como código de interação do grupo. Por esse viés, “[...] a gíria adquire condição de signo de grupo, identificador, e elemento de defesa e proteção” (Preti, 1984, p. 23).

Nesse território, compreendemos com a sociolinguística que há vários modos de interagir por meio da linguagem. Para Silva (2016, p. 21), “[...] a variação é constitutiva das línguas naturais. [...] a variação não é caótica ou desordenada, mas condicionada por fatores intralinguísticos e sociais. Sob a perspectiva sociolinguística, “todas as variedades, do ponto de vista estrutural linguístico, são perfeitas e completas entre si. O que as diferencia são os valores sociais que seus membros têm na sociedade” (Cagliari, 1999).

Sendo assim, há um contexto, uma necessidade, uma situação comunicativa que

determina a comunicação dos falantes. Nessa compreensão, para refletir sobre a linguagem das detentas é preciso olhar para o contexto intralinguístico e sociais, compreendendo a gíria como uma variação linguística.

Preti (2000, p. 4-5, grifos meus), em sua pesquisa, traz uma contribuição importante para os nossos estudos. Para a autor:

Nesse processo de designação subjetiva, **os vocábulos expressam os sentimentos, as atitudes em face do meio em que o falante vive**, o julgamento crítico e a representação do mundo. Daí podermos considerar **a gíria como um dos instrumentos verbais na luta de classes**. Essa perspectiva pode ser observada em metáforas como grude, para comida, gíria nascida no vocabulário de detentos e, depois, vulgarizada para comida dos operários [...]

Por meio dessa lente, a gíria é apontada como um exemplo de designação subjetiva da linguagem. O autor sugere que ela seja uma forma de identificação e pertencimento de grupos e pode ser vista como uma maneira de resistência e luta contra normas sociais estabelecidas. Preti (2000) destaca o exemplo da palavra “grude”, que inicialmente era uma gíria usada no vocabulário de detentos para se referir à comida. Com o tempo, essa gíria se popularizou e passou a ser utilizada por operários para se referir à sua própria comida. Essa mudança mostra como a linguagem pode ser um campo de disputa e de transformação, onde palavras e significados são apropriados e adaptados por diferentes grupos sociais.

A ligação da gíria com a luta de classes é mencionada na proporção que se mostra como instrumento verbal que reflete e reforça a identidade e a solidariedade de determinados grupos sociais marginalizados. A apropriação da palavra “grude” por operários mostra uma forma de resistência simbólica, rejeitando, nesse ensejo, a norma dominante, criando, nesse enquadramento, uma linguagem própria que reflete acerca de sua realidade e experiências.

Com base nesses fatos, torna-se relevante mencionarmos que a mulher presa, ao falar usando a gíria, mostra sua condição de presidiária e, conseqüentemente, sua inserção a um grupo social desprestigiado e estigmatizado pela sociedade. Nesse sentido, o uso de gírias pode ser entendido como um mecanismo de adaptação e uma busca por pertencimento dentro do contexto prisional.

Assim, interagir com pessoas privadas de liberdade em sala de aula não é uma tarefa fácil, especialmente quando elas se apropriam de uma linguagem específica, conhecida como “falar da cadeia”. Portanto, educadores que ingressam para lecionar nessas unidades têm, a princípio, dificuldade para entender a linguagem empregada pelas reeducandas. Esse aspecto nos remete às palavras de Bagno (1999), quando recomenda que:

É preciso, portanto, que a escola e todas as demais instituições estejam voltadas para a educação e as culturas, abandonem esse mito da “unidade” do português e **passem a reconhecer a verdadeira diversidade linguística de nosso país** para planejarem suas políticas de ação junto com a população amplamente marginalizada dos falantes das variedades não padrão (Bagno, 1999, 18- 19, grifos meus).

No contexto educacional, o excerto destaca a importância de romper com o mito da “unidade linguística”, reconhecendo a diversidade presente em nosso país. Isso implica valorizar e respeitar todas as formas de falar, incluindo as variedades não padrão, que são faladas por amplas parcelas da população, especialmente os grupos socialmente marginalizados. Ao abraçar a diversidade linguística, as instituições podem planejar suas políticas de ação de forma mais inclusiva e sensível à realidade linguística do país. Isso significa reconhecer as diversas formas de expressão e comunicação dos alunos, garantindo que suas identidades linguísticas sejam respeitadas e valorizadas. Dessa forma, a educação no contexto carcerário pode se tornar um espaço mais acolhedor e propício para o aprendizado, contribuindo para uma educação mais efetiva e igualitária.

Por esse ponto de vista, a partir da análise dos vocabulários usados pelas detentas, podemos perceber a relação existente entre a vida na Unidade Prisional e a linguagem que empregam para descrever o mundo em que estão vivendo, representadas nas atividades de escrita na disciplina de Língua Portuguesa. Portanto, consideramos importante compreender o sentido das gírias presentes no falar da cadeia, tendo em vista que as expressões linguísticas significam, no discurso, pela relação que tem com o acontecimento em que funcionam. Com relação a esses fatos, Rajagopalan (2016, p.50) promove o seguinte questionamento:

A habilidade linguística é algo igualmente distribuído entre todos numa comunidade? Ou será que há diferenças entre subgrupos de uma mesma comunidade? Todas as línguas estão em pé de igualdade do ponto de vista funcional? Ou algumas seriam mais bem-dotadas que outras para desempenhar as mesmas funções?

Na tentativa de dialogar com o autor, compreendemos que a habilidade linguística não é igualmente distribuída entre todos os indivíduos de uma comunidade, nem todas as línguas estão em pé de igualdade do ponto de vista funcional. Ou seja, dentro de uma comunidade linguística, é comum coexistir variações na habilidade linguística entre diferentes grupos. Essas diferenças podem ser influenciadas por inúmeros fatores, como: nível socioeconômico, educação, acesso à informação, histórico-cultural e contato com outras línguas.

Além disso, comunidades linguísticas que enfrentam discriminação ou marginalização podem ter menos acesso a recursos educacionais, resultando em diferenças na proficiência linguística em comparação com grupos mais privilegiados, como é o caso das detentas. Cada língua possui características e estruturas distintas, o que pode torná-las mais ou menos adequadas para desempenhar certas funções.

A capacidade de uma língua cumprir tais funções, também pode ser influenciada pelo número de falantes, pelo prestígio social que a língua desfruta e, seguramente, pela disponibilidade de traduções e materiais educacionais. Por exemplo, o inglês é frequentemente considerado uma língua “global” devido ao seu amplo uso em educação, negócios, tecnologia e diplomacia. Assim, é fundamental ressaltar que a ideia de que algumas línguas são “melhores” é problemática e etnocêntrica. Todas as línguas, convém pontuar, são produtos da cultura e da história das comunidades que as utilizam, sendo igualmente valiosas para a comunicação e expressão dessas comunidades.

Por esse ponto de vista, é de extrema importância concebermos esse repertório linguístico como forma de expressão oral, identitária e cultural das detentas. Devido a essa polifonia de vozes, muitas vezes, não é fácil a comunicação entre aluna e professor, justamente pelo desconhecimento da variante recorrente. Mas, no decorrer das aulas, o processo comunicacional estabiliza-se, porque o docente se insere paulatinamente na cultura, apropriando-se dos significados ali produzidos no falar da cadeia.

Com relação à diversidade linguística, Bagno (1999, p.16, grifos meus) é categórico em afirmar que:

Ora, a verdade é que no Brasil, embora a língua falada pela grande maioria da população seja o português, **esse português apresenta um alto grau de diversidade e de variabilidade, não só por causa da grande extensão territorial do país** — que gera as diferenças regionais, bastante conhecidas e também vítimas, algumas delas, de muito preconceito —, mas principalmente por causa da trágica injustiça social [...].

Nessa perspectiva, para entendermos o falar da cadeia, é fundamental estabelecer uma visão integral que abrange os aspectos linguísticos e sociais. Esse movimento é pertinente, uma vez que, segundo Moita Lopes (2006), o linguista aplicado deve criar inteligibilidade sobre problemas sociais em que a linguagem tem papel central em sua construção.

Como vimos nessa seção, a gíria é uma forma de expressão cultural manifestada linguisticamente. Enquanto vocabulário expressivo, a gíria revela uma forma de cultura, refletindo a mentalidade e a concepção de vida de um grupo e, dessa forma, traduz uma visão singular do mundo, sob a ótica de seus usuários.

3.3 Referencial metodológico da pesquisa

Esta pesquisa possui natureza aplicada, uma vez que busca “[...] gerar novos conhecimentos, mas tem por metas resolver problemas [...]” (Paiva, 2019, p.11), como é o caso, por exemplo, da compreensão dos processos de significação das gírias no presídio. O estudo também adota abordagem qualitativa de cunho etnográfico, uma vez que estuda e revela os costumes, as crenças e as tradições de uma sociedade, que são transmitidas de geração em geração e que permitem a continuidade de uma determinada cultura ou de um sistema social.

Ressaltamos que a pesquisa qualitativa permite que os pesquisadores entendam aspectos subjetivos de fenômenos sociais e do comportamento humano. Ela estuda fenômenos que ocorrem em um determinado tempo, local e cultura. Ao

contrário da pesquisa quantitativa, que busca resultados numéricos e estatísticos, a pesquisa qualitativa aborda temas que não podem ser quantificados em equações e estatísticas.

Enquanto a pesquisa quantitativa busca resultados objetivos e palpáveis com base em experimentos, e possíveis de serem quantificados, a pesquisa qualitativa, por sua vez, não obtém respostas objetivas para seus objetos de estudo. Os resultados das pesquisas partem, então, das percepções dos indivíduos envolvidos, dos conflitos observados em campo e, sobretudo, dos aspectos subjetivos identificados.

Dessa forma, permite-nos explorar nuances que não seriam capturadas apenas por abordagens quantitativas. Veremos abaixo na fala de Paiva (2019, p. 80):

Além disso, uma pesquisa etnográfica não tem como ponto de partida questões e hipóteses predeterminadas. O pesquisador até pode ter algumas perguntas antes de entrar em campo, mas é no contexto de pesquisa que hipóteses e questões emergem e, em um processo dinâmico, são revisadas ou substituídas.

Como observamos no excerto supratranscrito, os métodos qualitativos permitem que os pesquisadores explorem o contexto, as percepções e as experiências dos participantes. Isso é especialmente valioso na Linguística Aplicada, onde as interações linguísticas estão fortemente ligadas aos contextos sociais, culturais e situacionais. Nesse contexto, a utilização de métodos diferentes para coletar e analisar dados permite uma validação dos resultados. Isso ajuda a fortalecer a confiabilidade e a validade das conclusões da pesquisa.

Reconhecemos, assim como Paiva (2019), que o objetivo da pesquisa em linguística aplicada não se limita em resolver problemas, mas também busca compreender a realidade de maneira mais profunda.

Assim, tratamos também de um estudo etnográfico, um tipo de investigação que

visa estudar a cultura e o comportamento de determinados grupos sociais. Ela se concentra em entender aspectos subjetivos e intrínsecos dessa sociedade, especialmente sua cultura e melhorar a prática social ou educacional, por meio de uma autorreflexão coletiva e colaborativa. No caso, a pesquisa se propôs estudar as gírias utilizadas pelas reeducandas, buscando compreender os mecanismos linguísticos que ocorrem na coletividade das alunas do Sistema Prisional. É

importante ressaltar que a pesquisa-ação é um processo colaborativo, em que há uma troca de informações entre pesquisador e integrantes da pesquisa, em busca de resultados.

A seguir, explicaremos os procedimentos que seguimos para acessar o campo de pesquisa e as dificuldades que enfrentamos para realizar as atividades com as reeducandas. Essas dificuldades tornaram esta pesquisa particularmente desafiadora. Também apresentamos os instrumentos metodológicos que usamos para coletar dados.

3.3.1 Cuidados éticos

Embora os dados utilizados para o estudo sejam documentais, alguns cuidados éticos foram tomados, buscando manter os princípios da privacidade, confidencialidade e segurança da pesquisadora e pesquisadas. Atendendo à Resolução 510, de 7 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Ética e Pesquisa do Ministério da Educação⁷, optamos por preservar a identidade das colaboradoras da pesquisa. Dessa forma, as alunas detentas foram nomeadas ficticiamente como Rosa, Silvia, Vanessa, Simone, Sueli, Vanda e Carmem.

Além disso, tomamos como base as reflexões de Mota (1998) e Rounds (1996) citados por Paiva (2019), em que a autora enfatiza que os interesses individuais das pessoas devem sempre prevalecer sobre os interesses da pesquisa científica e da sociedade em geral. É reconfortante perceber que, em nossa área de pesquisa, frequentemente nos deparamos com limitações éticas que nos impõem restrições. Como pesquisadores, é nosso dever ajustar nossa atuação ao espaço que nos é concedido, garantindo que não interfiramos no cotidiano das salas de aula ou dos ambientes de trabalho que estamos investigando. Nossa responsabilidade é obter o máximo de informação possível sem comprometer a privacidade ou quebrar a confiança dos participantes da pesquisa.

Essa perspectiva enfatiza a importância de respeitar a autonomia e a dignidade dos indivíduos envolvidos na pesquisa, colocando-os no centro do processo investigativo. A questão ética é um tema crucial em qualquer pesquisa, e

⁷ Link da resolução: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>

isso se torna ainda mais relevante quando investigamos espaços como a sala de aula e o sistema carcerário. Nessas situações, os pesquisados podem ser mais vulneráveis, e é fundamental que o pesquisador tome medidas para proteger sua privacidade e confidencialidade.

De modo complementar, Moita Lopes (1996, p. 9) ressalta:

Certamente, o pesquisador deve ter cuidado para que sua pesquisa não seja usada para tirar a voz e caçar o poder de quem está em situação de desigualdade. Fazer pesquisa, i.e., produzir conhecimento, é uma forma de desconstrução de significado prestigiada na sociedade e, portanto, impregnada das relações de poder inerentes à prática discursiva.

Essa abordagem ética é essencial para a construção de uma ciência responsável e respeitosa. Ao considerar os interesses e a privacidade dos participantes, o pesquisador contribui para a confiabilidade e a validade dos resultados, além de proteger os envolvidos de possíveis danos ou exposições indesejadas.

3.3.2 Contexto da pesquisa

A pesquisa se deu em uma sala de aula com turmas multisseriadas, de Ensino Médio, no período matutino e o Ensino Fundamental, no período vespertino. Apesar de já ter passado por reformas custeadas com auxílio do Conselho da Comunidade de Cáceres, o espaço está muito aquém do ideal para uma sala de aula.

O recinto conta com uma grade que separa professora e alunas, o que foge totalmente do que se espera por ressocialização. No lado das alunas, estão as carteiras e mesas escolares, um banheiro, uma televisão e um bebedouro que não funciona. Devido a essas circunstâncias, elas levam a sua própria água para a “escola”. Ao lado da professora, localiza-se um quadro branco, uma mesa improvisada como apoio, e um armário onde são guardados os materiais didáticos das alunas e da professora. Não há uma biblioteca, e os livros que constam na prateleira são unicamente livros didáticos.

Ressaltamos que a Lei de Execução Penal⁸ assegura que:

Da Assistência Educacional Art. 17.

A assistência educacional compreenderá a instrução escolar e a formação profissional do preso e do internado. [...] Parágrafo único. A mulher condenada terá ensino profissional adequado à sua condição. [...] Art. 21. Em atendimento às condições locais, dotar-se-á cada estabelecimento de uma biblioteca, para uso de todas as categorias de reclusos, provida de livros instrutivos, recreativos e didáticos. (Brasil, 1984, sp).

A legislação mencionada destaca o direito das detentas à educação e à capacitação, visando a sua ressocialização e reintegração à sociedade. O Artigo 17

reconhece que a educação é um fator essencial para a reabilitação dos indivíduos, oferecendo-lhes oportunidades de desenvolvimento intelectual e habilidades que podem ser aplicadas após o cumprimento da pena. Além disso, o parágrafo único aponta a importância de adequar a formação profissional à condição específica das mulheres condenadas.

O artigo 21 ressalta a necessidade de disponibilizar bibliotecas nos estabelecimentos prisionais, proporcionando acesso a livros instrutivos, recreativos e didáticos para todas as categorias de reclusos. A existência de bibliotecas nas prisões é de extrema importância, pois oferece uma oportunidade para que os detentos tenham acesso ao conhecimento, à cultura e entretenimento, ajudando a estimular o desenvolvimento intelectual e, principalmente, a manter a mente ativa durante o período de encarceramento. Por meio desse conjunto de diretrizes, a legislação reconhece a importância da educação como um instrumento crucial para a transformação e a reintegração dos indivíduos que estão cumprindo pena. A assistência educacional não apenas visa proporcionar conhecimentos e habilidades, mas também contribui para a construção de uma consciência crítica, da autoestima e do respeito ao próximo, fatores essenciais para a reinserção social.

3.3.3 Perfil das alunas

Com o objetivo de realizar o perfil das alunas privadas de liberdade, realizamos uma pesquisa com a turma do Ensino Fundamental, 1º e 2º Ano do 2º Segmento, com 14 alunas brasileiras, e uma boliviana, durante as aulas de Língua Portuguesa, entre os meses de junho e agosto de 2023, com acompanhamento da professora regente da Escola Estadual de Desenvolvimento Integral da Educação Básica - EEDIEB Prof. Milton Marques Curvo. Selecionamos para esse estudo, dados documentais de apenas 5 alunas por considerar um número suficiente. As informações no quadro 1 foram retiradas do Sistema Integrado de Gestão Educacional (SIGEDUCA), que visa facilitar as atividades administrativas da escola e suas operações, proporcionando um controle mais eficaz da vida acadêmica dos alunos e da vida funcional de professores e funcionários.

⁸ Link: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7210.htm

Quadro 1 — Informações sobre as colaboradoras

Idade	Estado civil	Naturalidade	Série escolar	Cor	Crimes do Código Penal Brasileiro
20	Solteira	Pontes e Lacerda MT	2ºano 2ºsegmento	Parda	Art. 33 e 35
47	Solteira	San Matías BO	1ºano 2ºsegmento	Parda	Art. 33
23	Casada	Mirassol D'Oeste MT	1ºano 2ºsegmento	Branca	Art. 33
32	Solteira	Porto Esperidião MT	1ºano 2ºsegmento	Preta	Art. 157
47	Casada	Bataguassu MS	2ºano 2ºsegmento	Preta	Art. 33

Fonte: Elaborado pela pesquisadora, a partir dos dados da SIGEDUCA (2023)

Conforme o quadro 1, em relação à idade, as informantes possuem uma faixa etária variada, com idades que vão desde 20 até 47 anos. Esse espectro de idades nos mostra que os eventos criminais envolvem indivíduos de diferentes gerações e estágios da vida. A variabilidade no estado civil dos indivíduos também é evidente. Como se pode ver, 40% das entrevistadas são solteiras, enquanto 60% estão casadas. Essa diversidade em estado civil pode influenciar as circunstâncias e as escolhas de vida dessas pessoas, bem como as implicações legais de seus atos.

A naturalidade dos envolvidos é igualmente diversificada, com origens em municípios de diferentes estados brasileiros, como Mato Grosso (MT) e Mato Grosso do Sul (MS), além de um caso de naturalidade em San Matías, Bolívia (BO). Essa ampla

gama de locais de nascimento reflete a mobilidade geográfica e a diversidade cultural da população em questão, fator que pode contribuir para a construção do falar das presidiárias. No que diz respeito à cor, 40% se consideram branca, 40% se consideram preta e 20% parda.

Por fim, a Tabela 1 descreve os crimes pelos quais as detentas foram acusados, que incluem tráfico de drogas (Art. 33), associação para o tráfico (Art. 35) e roubo (Art. 157). Esses diferentes tipos de crimes apontam para a complexidade das situações legais e das circunstâncias em que esses indivíduos se encontram e reforça a discussão mobilizada na seção 2.2, quando discutiremos sobre o tráfico de drogas em Cáceres.

3.3.4 Descrição das atividades desenvolvidas

Realizamos uma oficina sobre Língua, Identidade e Cultura com uma carga horária de 20 horas, sendo 4 horas semanais em um período de um mês, nas dependências da sala de aula da Cadeia Feminina. Esta ação de Ensino objetivou valorizar a identidade, a linguagem e cultura das presidiárias e, assim, a partir dos resultados dessa experiência, promover propostas didático-metodológicas para o ensino de Língua Portuguesa nesse contexto, com foco na valorização das manifestações linguísticas emergentes naquele local em específico. Soma-se a isso, a contribuição social da pesquisa, que é a desmistificação das práticas de ensino no sistema prisional.

As atividades foram desenvolvidas em uma sequência didática (ANEXO 1) pautada em atividades sobre o fenômeno da variação linguística. Nesse contexto, abordamos as gírias como manifestação da linguagem, em diversos espaços, bem como no presídio. Sendo assim, algumas habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) foram mobilizadas, como: EF69LP55, EF15AR13 e EF15LP02. A Habilidade EF69LP55 visa desenvolver no aluno a capacidade de reconhecer as variedades da língua falada, compreender o conceito de norma- padrão e identificar o preconceito linguístico. Essa habilidade não apenas promove a competência comunicativa dos estudantes, mas também os capacita a valorizar e respeitar a diversidade linguística presente em nossa sociedade.

Além disso, a Habilidade EF15AR13 desempenha um papel significativo no estímulo à apreciação crítica da expressão musical. Ao identificar e analisar as diferentes formas e gêneros de música, os alunos podem compreender os usos e as funções da música em contextos variados, incluindo situações do cotidiano. Isso contribui não apenas para a formação cultural dos estudantes, mas também para o desenvolvimento de habilidades de análise e interpretação.

No que diz respeito à Habilidade EF15LP02, ela permite aos alunos estabelecer expectativas em relação aos textos que irão ler. Eles são incentivados a antecipar sentidos, forma e função social do texto, com base em seus conhecimentos prévios sobre sua produção, gênero, suporte e tema. Além disso, essa habilidade envolve a confirmação de antecipações e inferências feitas antes e durante a leitura, promovendo a compreensão crítica e a capacidade de avaliar a adequação das hipóteses formuladas.

De acordo com os objetivos de aprendizagem supracitados, as alunas puderam compreender a língua como um fenômeno cultural, histórico, social, mutável e heterogêneo, que responde aos contextos de seu uso; e, reconhecê-la como meio de formação da identidade de seus usuários e da comunidade a que pertencem. Puderam, também, refletir sobre a legitimidade da diversidade linguística e a adequabilidade dos

contextos para refutar preconceitos e desenvolver a prática consciente da linguagem, identificar a gíria como marca de grupos sociais específicos, reconhecer a presença de gírias na linguagem oral, e, por último, discutir sobre o uso adequado de gírias, buscando compreender os contextos desse uso.

À vista disso, no início da atividade, solicitamos às participantes que compartilhassem na aula alguma gíria que elas conheciam, ou usavam. Todos os exemplos foram anotados no quadro branco e, em seguida, discutidos. Logo após, exibimos o vídeo “Sotaques do Brasil” série exibida no Jornal Hoje da TV Globo. Depois de assistir ao vídeo, as alunas mencionaram as gírias que não conheciam e iniciamos uma roda de conversa sobre o uso de gírias. Com a turma disposta em semicírculo, iniciei uma conversa sobre o que elas sabiam sobre o tema, utilizando as seguintes questões:

1. Existe apenas uma única língua falada no Brasil?
2. As pessoas falam de uma mesma maneira? Por quê?
3. O que é Variação Linguística para vocês?
4. Vocês já presenciaram uma pessoa sendo corrigida por falar de uma determinada maneira? Dê exemplos.
5. Vocês fazem o uso de gírias frequentemente? Quais são as mais utilizadas por vocês aqui na cadeia?
6. Antes de serem presas já falavam gírias?

Após as respostas, das considerações e da explicação sobre os conceitos fundamentais, iniciamos as atividades escritas, através do gênero textual tirinhas, nas quais contemplamos alguns tipos de variação linguística: regional, histórica e social. A segunda etapa das atividades foi nomeada como “oficina 2” e nela trabalhamos o gênero “canção”. Essa atividade foi desenvolvida com a Canção de Oto Panamá, como pode ser visto na ANEXO II.

As alunas assistiram ao clipe das músicas selecionadas. Após a exibição, fizemos uma contextualização acerca dos compositores, da música, da época, bem como trabalhamos com os seguintes questionamentos:

1. Vocês conhecem esse estilo musical? (Se os alunos responderem sim, estimule os alunos a exemplificarem. Se a resposta for não, é preciso fazer uma exposição sobre o assunto e dizer qual é o estilo da música em questão).
2. Vocês identificaram gírias em todas as canções? Cite as gírias identificadas.

3. Qual a diferença das gírias utilizadas nas canções?

De posse das letras e após a exibição dos clipes, contextualizamos as características, assim como alguns aspectos culturais das músicas. Durante a roda de conversa, as alunas se mostraram bem animadas, cantaram e dançaram, é o tipo de aula que faz com que elas esqueçam um pouco que a escola está dentro de um ambiente prisional.

Apesar de bem participativas, a frequência oscilou bastante e as alunas se ausentaram por diversos fatores, como ciclo menstrual, viroses, conflitos internos e saídas para consultas médicas ou audiência.

3.3.5 Coleta de dados

Coletamos os dados a partir das respostas das alunas do ensino fundamental, de uma sala multisseriada da EJA, durante as atividades desenvolvidas no componente curricular de Língua Portuguesa. Os dados foram obtidos através da seleção, categorização e análise das produções de texto das alunas da Cadeia Pública Feminina de Cáceres-MT, desenvolvidas na disciplina de Língua Portuguesa. Além disso, foram utilizados registros e anotações realizados durante as aulas.

A coleta dos dados foi guiada pelo objetivo deste estudo, que é analisar se há, ou não há marcas de oralidade, como gírias e expressões, nas atividades de Língua Portuguesa (produções textuais) realizadas pelas reeducandas.

Para analisarmos as marcas de oralidade nos textos produzidos pelas detentas, levamos em consideração alguns aspectos linguísticos e contextuais, tais como: uso de gírias e expressões típicas do ambiente carcerário; variações na escrita de palavras; fragmentação de frases; ausência de pontuação, equívocos gramaticais, por fim, o contexto de produção.

3.3.6 A ação

A ação desenvolvida como devolutiva da pesquisa consistiu na criação de um glossário (ANEXO III) com as gírias utilizadas pelas alunas, que pode ser consultado nos anexos do presente estudo.

O glossário pode oferecer *insights* preciosos sobre o uso da linguagem como meio de expressar resistência, identidade e adaptação em um contexto tão complexo quanto o sistema penitenciário. Adicionalmente, esse material pode contribuir para uma melhor compreensão de como as gírias se manifestam na comunicação e na criação de coesão social entre os indivíduos detidos, forjando uma subcultura distinta dentro do ambiente prisional. Ademais, o glossário foi pensado no intuito de somar com as políticas de tratamento e ressocialização de indivíduos presos, reconhecendo a relevância da linguagem e da comunicação no contexto do sistema penitenciário.

CAPÍTULO IV

ANÁLISE DE DADOS

Analizamos, neste capítulo, à luz das teorias e métodos explicitados no capítulo anterior, a linguagem em uso pelas detentas na cadeia feminina em Cáceres-MT. Para desenvolver o estudo, frequentamos o ambiente pesquisado por aproximadamente dois meses, conversando com as reeducandas sobre a rotina da vida carcerária e o mundo da criminalidade, enquanto observava a interação entre elas por meio da linguagem. Como recursos metodológicos, utilizamos a observação, um caderno de campo, rodas de conversa e produção textual. Além das observações e produção textual mencionadas, também solicitamos às reeducandas que fizessem uma lista das principais gírias utilizadas por elas no sistema prisional, juntamente com os seus respectivos significados.

Nesse primeiro momento, nos atentaremos às observações registradas na roda de conversa.

No primeiro dia de aula, sete alunas compareceram, enquanto duas das 15 matriculadas foram para atendimento médico de rotina, ao passo que uma terceira não foi por estar menstruada, isto é, de “chico”, como as detentas reproduzem. Normalmente durante o período menstrual, elas não vêm para aula porque, como o quantitativo de absorvente é pouco, elas se preocupam que o fluxo aumente muito e suje as suas roupas. As demais não justificaram a ausência.

Por se tratar de mulheres estigmatizadas, no nosso primeiro encontro, observamos que havia muita curiosidade, timidez e silêncio. Elas se mostraram um pouco arredias e a primeira pergunta que me fizeram foi se eu não tinha medo de estar naquele lugar. Respondi que não e que já havia trabalhado como professora nas cadeias feminina e masculina, mas que agora estava como aluna do Mestrado, realizando a pesquisa sobre as gírias utilizadas dentro daquela Cadeia Feminina.

Aproveitamos a oportunidade para perguntar se elas sabiam o porquê da gíria: “estar de chico” relacionava-se ao período menstrual. Nenhuma delas soube responder, afirmando apenas que já nasceram ouvindo isso em suas casas e, portanto, reproduziam. Observamos, nesse ponto em específico, a importância da pedagogia da libertação, na EJA, em que Paulo Freire (1994) enfatiza que a educação vai muito além de simplesmente transmitir conhecimento; ela é, na verdade, um ato político e um compromisso profissional com a sociedade. Sua função é capacitar os indivíduos a refletirem sobre seu próprio poder de transformar o mundo.

Sendo assim, destacamos que “estar de chico” é uma expressão extremamente

pejorativa às mulheres. Nas palavras de Mundim, Souza e Gama (2020), no português falado em Portugal, a palavra “chico” é um sinônimo de “porco”, o que faz com que o uso dessa expressão associe a menstruação a algo sujo e impuro. Desse modo, ressaltamos que “estar de chico”, para além de uma representação do período menstrual, é um discurso machista enraizado na história, que se respaldaem uma ideologia machista que animaliza a mulher. Esse entendimento é possível, pois Orlandi(1999) nos diz que a linguagem é linguagem porque possui sentido, e esse sentido é construído na história, isto é, pelas vozes (interdiscursos) dos sujeitos, ideologias e instituições sociais.

Nessa direção, Fáveri e Venson (2007) afirmam que muitas mulheres estão acostumadas a se referir ao próprio corpo por metáforas como “chico”, na intenção de silenciar e minimizar as falas sobre a menstruação. Compreendemos que isso tem raízes na ideologia machista que quer controlar os corpos femininos, ao longo da história, e que fizeram com que as mulheres tivessem receio de falar sobre suas próprias necessidades fisiológicas, temendo ser um assunto “errado”, “proibido”. Isso se dá, pois, inconscientemente, essas metáforas acionam a memória discursiva da “porquidão”. Memória discursiva, nesse contexto é definida por Pecheux (1999, p. 52) como:

[...] a memória como estruturação de materialidade discursiva complexa, estendida em uma dialética de repetição e regularização: a memória discursiva seria aquilo que, face, a um texto surge como acontecimento aler, vem a restabelecer os ‘implícitos’ de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação do legível.

Como pudemos verificar nas palavras do autor, a memória discursiva é vista como força que organiza a materialidade discursiva, tornando-a legível, agindo através de processos de repetição e regularização. Isto posto, as gírias faladas pelas detentas para significarem nas cenas comunicativas do presídio, foram construídas ao longo da história por processos discursivos e ideológicos que são acionados inconscientemente ao proferi-las.

Nesse sentido, Fáveri e Venson (2007) explicitam que o uso de linguagem codificada e secreta para se referir à fisiologia feminina não é necessariamente resultado de desconhecimento acerca do funcionamento do corpo, mas sim uma prática cultural que reflete uma maneira específica de conceber as mulheres. Essas estratégias de falar em código envolvem uma rede complexa designificados em uma linguagem que, muitas vezes, é compreendida pelas próprias mulheres, sendo códigos que são aprendidos e transmitidos e, geralmente, compartilhados em voz baixa. No entanto, esse silenciamento está ligado à manutenção e à perpetuação de tabus machistas, como vimos acima.

Por conta desses fatores, assumimos, com base em Freire (1994), que o processo

de ensino-aprendizagem deve ser repensado como uma ação que envolve a problematização e leva em consideração o aprendiz como um todo.

A abordagem pedagógica libertadora de Freire não se restringe ao espaço da sala de aula, mas tem suas origens nos movimentos sociais, reconhecendo que a educação é uma prática que vai além do ambiente escolar.

Continuando com a oficina, explicamos às alunas o significado atribuído à gíria mencionada, o que causou surpresa nelas ao perceberem os sentidos historicamente construídos dessa expressão. Durante as produções escritas elas aproveitavam para relatar oralmente momentos vividos dentro da Unidade Prisional e sempre utilizando o linguajar próprio da cadeia. Por exemplo, Rosa contou que uma das reeducandas se apaixonou por ela e mandou um “bereu” pedindo-a em namoro.

Sendo assim, Rosa se demonstrou preocupada, pois Sueli, outra reeducanda, queria namorá-la “na tora”. Segundo o Dicionário Online de Língua Portuguesa Michaelis⁹, a expressão coloquial significa “à força bruta, na marra”. Podemos inferir com base nesse exemplo que, apesar de ser uma tentativa afetiva entre mulheres, o ato de “chegar na tora” nos remete a um ciclo vicioso de abusos físicos e psicológicos fomentados pelo patriarcalismo que, como se pode verificar no ato de “torar”, fragilizaram a imagem do corpo feminino, de modo que possa ser violado sempre por outrem.

De acordo com Silva e Silva (2016), o patriarcalismo é uma cultura caracterizada por uma grande desigualdade de gênero, na qual os homens exercem autoridade — chegam na tora — sobre as mulheres e até mesmo sobre seus filhos no ambiente doméstico. Essa dinâmica se reflete na sociedade em diversos aspectos, como no trabalho, na política, nas leis, na cultura e nas discussões sobre sexualidade. Por meio desse funcionamento ideológico, que, como vimos, afeta também as mulheres encarceradas, faz com que a imagem feminina seja atribuída ao sexo, e direcionada, principalmente, à reprodução. Assim, as mulheres são preparadas para serem submissas (Cano, Ferriani e Gomes, 2000).

Além disso, Rosa disse que Sueli “encarnou” nela (passou a persegui-la), mesmo sendo casada.

Ao ouvir Vanessa, ela relatou que quando criança a mãe havia saído da cadeia, mas ainda utilizava o linguajar e as regras da prisão, por exemplo, durante as refeições não era permitido utilizar o “boi” (banheiro), porque como nas celas não existem portas, as necessidades fisiológicas só podem ser feitas após todos terem se alimentado.

⁹ Link do vocábulo: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/tora#:~:text=EXPRESS%C3%95ES%20Na%20tora%20%2C%20coloq%20%3A%20%C3%A0%20for%C3%A7a%20bruta%20%20na%20marra>.

Conforme os exemplos extraídos durante as rodas de conversas, as gírias no sistema prisional funcionam como uma espécie de código que são utilizados pelas presas para se referir a outras pessoas, objetos ou situações específicas, com o propósito de se protegerem e evitarem que informações sejam divulgadas para pessoas que não fazem parte daquele universo. Contudo, pudemos notar que os efeitos de sentidos produzidos pelas gírias, nas práticas comunicativas do presídio, estão arraigadas em um processo discursivo histórico e ideológico que, muitas vezes, fere a imagem feminina.

Nessa perspectiva Preti (2004, p. 90) cita o exemplo de um diálogo entre dois detentos na Casa de Detenção de São Paulo:

- Oi, meu!
- Oi! Que é que há? Alguma lança quente pra nós?
- Tenho duas, basta ficar na campana. O que falta é as turbinas pra render os loques.
- Máquina é fácil de arrumar. Basta pular no gogó de um mico e pronto: estamos maquinados.
- Nada de micos, vamos de mão grande num napo de firma. Eles sempre têm fogo na cinta.
- Escute, meu: a lança é caxanga, espiano ou mão grande. Precisa ver se o serviço é limpo e não dá tira ou se a barra é suja.
- É mole, meu, só tem parwana e mina na jogada.

Através das gírias, compreendermos como essas mulheres se expressam, se identificam e se relacionam no ambiente prisional, como percebido em um “bereu” enviado pela reeducanda Simone para a reeducanda Silvia, informando o porquê de estar dividindo a comida:

#excerto1 “vou dividir minha “Júlia” porque ela vai me emprestar linha”.

A palavra júlia significa comida. Portanto, a análise das gírias das presidiárias pode nos revelar uma variedade linguística única que reflete as suas experiências, identidades, bem como os contextos culturais envolvidos nessa enunciação.

As gírias podem refletir a adaptação das presidiárias ao ambiente prisional. Elas podem criar vocabulário específico para descrever atividades, relacionamentos e objetos dentro das prisões, refletindo as necessidades e desafios únicos que enfrentam, como relatou a aluna Carmem:

[...] a presa chegou e caçou briga na cela, foi transferida para o

meu quarto, não tinha “**jega**”, eu fiquei com pena e falei pra dormir de “**valete**” (quando duas pessoas dividem a mesma cama ou colchão e dormem uma com a cabeça virada para os pés do outro), porque não sou sapata (lésbica) Vanda, informação verbal.

Como podemos observar no relato, não tinha cama suficiente para todas, então Carmem propôs dormir com outra reeducanda, entretanto, como não eram um casal, uma dormiria ao contrário da outra “vamos ter que dividir a jega e dormir de valete” (posição é igual à carta do baralho, um de cabeça para os pés do outro). Sabemos que a escolha do idioma é amplamente influenciada pelo papel social que a pessoa desempenha ao falar.

No âmbito profissional, adotamos uma linguagem formal, enquanto em contextos familiares e entre amigos, utilizamos uma linguagem informal, pois nos encontramos em um ambiente mais relaxado e propício a uma linguagem voltada à descontração. Nesse contexto, a reeducanda incorpora gírias como forma de construir e manter conexões com o grupo ao qual pertence, ou seja, com a comunidade de mulheres detidas, e suas interações espelham os modos e padrões de comunicação característicos dessa comunidade linguística.

Para Preti (1984), há duas direções: de um lado, um grande número de termos da vida normal que adentra o ambiente prisional; por outro lado, um número considerável de palavras e expressões da vida marginal que são introduzidas na linguagem cotidiana das detentas. Face ao exposto, Preti (1984, p.3) relaciona as duas direções, vida normal e ambiente prisional, e exemplifica através do nivelamento da linguagem por meio de gírias comuns e marginais expostas logo abaixo:

Essa oposição ao *uso* provoca, de imediato, duas reações diversas na comunidade: a primeira, de crítica, de condenação, porque ela infringe os padrões linguísticos, opõe-se agressivamente à tradição, mantida em especial pela escola; a segunda, de curiosidade, dado que toda e qualquer reação às regras sociais vigentes causa admiração, e o *uso restrito* evoca hábitos, atitudes, atividades pouco correntes e, muitas vezes, contestatórias.

É perceptível, desse modo, que o léxico das gírias possui expressividade, encontrando-se integrado na linguagem cotidiana dos brasileiros e sendo apropriado em certos contextos. No entanto, é importante salientar que nem sempre essa associação é aceitável, já que quando a gíria é exclusivamente reconhecida como parte do vocabulário prisional, ela perde sua aceitação.

Conforme Preti (1984), a gíria ganha nesse sentido condição de signo de grupo, e elemento de defesa e proteção. Isso indica que podem ser usadas para identificar

afiliações a grupos sociais, gangues ou outras comunidades dentro das prisões. Essas afiliações podem ter implicações significativas na hierarquia prisional e na segurança pessoal das detentas, permitindo-lhes compartilhar informações, estratégias de sobrevivência e se manterem atualizadas sobre acontecimentos no ambiente prisional.

Atentemo-nos, neste momento, às respostas das alunas em algumas atividades:

Exercício 1: Crie frases com gírias que você usa diariamente:

Dormi na mancada e acordo no vacilo

(Silvia)

Ontem lavei o boi e sujaram (Rosa) A menina não lavou a pedra (Sueli)

A partir dos dados obtidos pela roda de conversa, aplicamos os exercícios e a produção textual, a seguir, com o intuito de ilustrar de maneira abrangente como a gíria espelha as dinâmicas sociais de um grupo e, nesse sentido, como o falante assimila padrões semelhantes aos daqueles com os quais interage. Apresentamos algumas expressões linguísticas utilizadas pelas detentas:

Quadro 2 — Lista de gírias

Gíria	Significado
Birico	Celular
Crânio	Cabeça
Ventana	Janela com grade
Jega	Cama
Boi	Banheiro
Pedra	Mesa
Mancada	Falha
Vacilo	Deslize, desvio de regras

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

O uso de “birico” para se referir a um celular é um exemplo de criatividade linguística que busca obscurecer a real natureza do objeto. No contexto prisional, os celulares são estritamente proibidos, e as presidiárias recorrem a essas gírias para se comunicar sobre a posse deles sem chamar a atenção das autoridades.

A gíria “crânio” para se referir à cabeça parece ser uma forma de simplificar a comunicação, possivelmente para evitar suspeitas ou simplesmente por uma questão de estilo linguístico. Linguagem simplificada, como se viu nesse estudo, é uma característica comum em gírias carcerárias, uma vez que a clareza e a eficiência na comunicação são valorizadas com essa estrutura de enunciação.

A utilização de “ventana” para se referir a uma janela com grade demonstra a adaptação da linguagem à realidade do ambiente prisional. As grades são uma característica comum nas prisões, e essa gíria comunica claramente a ideia de uma janela dentro dessa estrutura específica. Já o termo “Jega” como uma gíria para cama provavelmente é uma forma de criar uma identidade e vocabulário próprios

dentro do contexto prisional. O uso dessa gíria pode ser uma maneira de reafirmar a conexão comunitária dentro das celas e destacar a diferença entre o ambiente prisional e o mundo exterior. Além disso, o acréscimo de “a” feminizando a palavra jegue pode ser uma marca identitária do mulheril. A gíria “boi” para se referir ao banheiro também parece ser uma adaptação linguística específica ao ambiente prisional. O uso de uma palavra alternativa para “banheiro” pode ser uma forma de manter a privacidade ou discrição ao discutir questões relacionadas à higiene pessoal.

A representação sombria da vida na prisão e da situação de uma detenta é acentuada pelo uso de gírias que evidenciam sua indiferença pela própria condição de encarceramento, resultando em uma subestimação tanto de si mesma quanto do grupo que a exclui, com relata Dino Preti (1984, p. 25):

Na gíria carcerária, a cela é expressa, entre outras, pelo vocábulo *jaula*, que expressa o *semanão humano*; *camburão*, vaso em que os presos, durante a faxina, transportam os resíduos fecais, é empregado para o carro de transporte de presos; *abutre*, para o detento que explora o companheiro, vendendo-o, delatando-o, com benefícios próprios, *celas das noivas* é, no seu humor amargo, aquela em que os prisioneiros passam a primeira noite, não raros sujeitos às violências sexuais dos líderes.

Contudo, a reeducanda é discriminada pelo modo de falar, entretanto, a mesma sociedade que discrimina e julga, também utiliza algumas gírias pelo fato de serem usadas por falantes de prestígio e aceitação social, e, também, pelo fato de seus usuários estarem perfeitamente integrados na comunidade, como exemplifica Dino Preti (1984, p. 26):

Referimo-nos, por exemplo, à gíria dos médicos e hospitais (como *papagaio* e *comadre*), dos militares (como *mocorongo*), dos estudantes em geral (como *cola*, *encher linguiça*), dos esportes, em particular o futebol (como *frango*, *chapéu*, *chuveirinho*) etc.

Nessa perspectiva, evidenciamos a importância do vocabulário gírio, a necessidade de reconhecer sua existência e entender que, em determinados

momentos, ele se torna a escolha linguística ideal para expressar emoções, solidariedade e a identidade de um grupo. O vocabulário gírio continuará a desempenhar um papel peculiar em certos grupos, como no das presas.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, o fato mais interessante foi a constatação de que, mesmo as recém-chegadas na unidade nunca tendo estado no ambiente carcerário, elas possuíam pleno domínio do uso da gíria, sabendo em quais situações deveriam ser utilizadas e, não obstante, quais significados poderiam ser divulgados. Sobre esse fato, responderam que, por terem contato com pessoas ligadas ao crime, já conheciam tais gírias. Nessa perspectiva, Preti (1984) evidencia em seu discurso que a gíria, é um vocábulo associado à linguagem do dia a dia, utilizada nas mais diversas situações e pelos mais diversos tipos sociais de falantes, seu uso, durante a reclusão ocorre de forma natural e não pode ser considerado como erro, mas sim como modo diferente de se comunicar, é uma maneira de tornar a conversa mais informal e descontraída, criando um ambiente mais amigável e acolhedor.

Notamos, por conseguinte, que o vocabulário das gírias possui expressividade e está inserido na linguagem comum dos brasileiros e é aceitável em determinados contextos. Entretanto, ressalta-se que nem sempre essa identificação é admissível, pois quando a gíria é identificada apenas como gíria prisional, deixa de ser aceita, uma vez que o valor linguístico é atribuído ao falante e não à palavra, resultando em um preconceito linguístico que reflete o pré-julgamento social. Para Bagno (2007, p.70):

Mas os preconceitos, como bem sabemos, impregnam-se de tal maneira na mentalidade das pessoas que as atitudes preconceituosas se tornam parte integrante do nosso próprio modo de ser e de estar no mundo. É necessário um trabalho lento, contínuo e profundo de conscientização para que se comece desmascarar os mecanismos perversos que compõem a mitologia do preconceito.

Nessa perspectiva, ressaltamos a necessidade de um esforço contínuo e profundo para enfrentar esse preconceito. Bagno também reconhece que a batalha contra o preconceito não é apenas sobre mudar opiniões individuais, mas sobre transformar fundamentos culturais e sociais que sustentam essas crenças. Por isso, a importância de um processo educativo e reflexivo constante para alcançar uma mudança verdadeira e duradoura na mentalidade das pessoas e na sociedade como um todo. Como define Bortoni-Ricardo (2004, p. 8) o erro neste caso não existe.

A noção de “erro” nada tem de linguista – é um (pseudo)conceito estrita- mente sociocultural, decorrente dos critérios de avaliação

(isto é, preconceitos) que os cidadãos pertencentes à minoria privilegiada lançam sobre todas as outras classes sociais. Do ponto de vista estritamente linguístico, o erro não existe, o que existe são formas diferentes de usar os recursos potencialmente presentes na própria língua (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 8).

Podemos considerar a gíria como um recurso linguístico utilizado no ambiente prisional, de modo a estabelecer relações interpessoais, servindo, então, para demonstrar camaradagem, cumplicidade e, neste contexto interativo, um meio de comunicação ideal.

Nesse caso, o valor linguístico é atribuído ao falante e não à expressão em si, resultando em um viés linguístico que reflete preconceitos sociais pré- concebidos.

Bagno (2007, p.70) deixa claro que:

[...] os preconceitos, como bem sabemos, impregnam-se de tal maneira na mentalidade das pessoas que as atitudes preconceituosas se tornam parte integrante do nosso próprio modo de ser e de estar no mundo. É necessário um trabalho lento, contínuo e profundo de conscientização para que se comece a desmascarar os mecanismos perversos que compõem a mitologia do preconceito.

Sabemos que a língua e a cultura de um povo estão intimamente ligadas, formando um tecido complexo e intrincado que influencia a maneira como as pessoas se comunicam, interagem e compreendem o mundo ao seu redor. Para Rajagopalan (2016, p. 16):

Não é difícil perceber, portanto, que enquanto estiver comprometido com a tese de que a língua é um fenômeno, um produto *natural*, fica difícil levar adiante qualquer discussão acerca das possíveis questões éticas dela decorrentes – o que, decerto, não acontece nas abordagens teóricas que preferem encarar a língua como um fato social, produto de ações de seres humanos organizados em comunidades, etc.

Segundo Preti (1984), utilizar algumas palavras dissemelhante para dizer a mesma coisa, obedece à escala social. Para o autor, as classes abastadas

falam de uma forma e as classes menos favorecidas de outra, mas o uso de uma forma ou de outra é inconsciente, involuntário e indica algo sobre a classe social do falante.

As tópicas acima mencionadas evidenciam que as escolhas linguísticas estão intrinsecamente ligadas a influências provenientes do meio social em que as detentas estão inseridas. Fica notório que à medida que o *status* social de uma comunidade se eleva, a variante linguística da qual ela se utiliza é mais valorizada. Por outro lado, comunidades com menor reconhecimento social, como as mulheres detidas, por exemplo, pode confrontar a marginalização e a diminuição do valor de suas próprias

expressões linguísticas, frequentemente em prol das variantes preferidas pela classe dominante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, exploramos a rica tapeçaria linguística que se desenvolveu dentro do sistema prisional feminino, com foco particular nas gírias utilizadas pelas reeducandas. Este estudo revelou a complexidade e a diversidade dessas gírias, que são mais do que meros códigos de comunicação, mas reflexos das experiências, desafios e realidades únicas enfrentadas por essas mulheres.

Através da observação direta e da interação com as reeducandas, pudemos compreender que a cultura prisional surge como uma forma das detentas se adaptarem a essa nova realidade e sentirem a sensação de pertencimento a tal comunidade. As gírias funcionam como uma forma de resistência, uma maneira de afirmar a identidade e a autonomia em um ambiente que, por reiteradas vezes, busca suprimir a individualidade. Além disso, conforme notado, as gírias também servem como um meio de criar e manter laços sociais dentro da comunidade prisional, proporcionando um senso de pertencimento e solidariedade.

As gírias engendram uma linguagem codificada, permitindo, então, que as detentas se comuniquem de maneira que pessoas de fora do sistema prisional não possam entender completamente os sentidos em enunciação.

Entretanto, também observamos como o uso de gírias pode reforçar estereótipos negativos e, não obstante, perpetuar preconceitos. Por exemplo, a expressão “estar de chico” para se referir ao período menstrual reflete uma visão pejorativa e machista da menstruação, associando-a a algo sujo e impuro. Isso destaca a necessidade de uma abordagem educacional que promova a reflexão crítica sobre as práticas linguísticas e culturais, a fim de desafiar e transformar as ideologias prejudiciais enraizadas em nossa sociedade.

Em suma, esta pesquisa forneceu uma visão única e valiosa sobre a linguagem e a cultura dentro do sistema prisional feminino. No entanto, ainda há muito a ser explorado e compreendido. Esperamos que este trabalho sirva como um ponto de partida para futuras pesquisas nesta área, contribuindo para um maior entendimento e apreciação da riqueza e complexidade da linguagem prisional.

Podemos dizer que, ao dar voz a essas mulheres, trazendo à luz suas experiências e perspectivas, contribuímos para um diálogo mais amplo e inclusivo sobre questões de justiça social e reforma prisional.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, L. **O Que Significa Tudo 4 Facção?** 29 set. 2023. Hospital da mulher e maternidade Santa Fé. Disponível em: https://maternidadesantafe.com.br/blog/o-que-significa/o-que-significa-tudo-4-facciao.html#google_vignette. Acesso em: 30 set. 2023.
- BAGNO, B. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 1999.
- BAGNO, B. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2007.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. 2.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- BRAGA, A. G. M. **A identidade do preso e as leis do cárcere**. 215f, 2008. Dissertação (Mestrado em Direito), Programa de Pós-graduação em Direito da Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2136/tde-26112008-073857/pt-br.php>. Acesso em: 30 set. 2023.
- CALLOU, D. Variação e mudança no âmbito do consonantismo. In: MARTINS, M. C; ABRAÇADO, J. (Orgs.). **Mapeamento Sociolinguístico do Português brasileiro**. – São Paulo: Contexto, 2015.
- CANO, M, A, T.; FERRIANI, M, D, C; GOMES, R. Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico. Revista Latino-am.enfermagem, Ribeirão Preto, v. 8, n. 2, p.18-24, abril 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v8n2/12413>. Acesso em: 06 mai. 2019.
- CHRISTIE, C. **Gender and Language**: Towards a Feminist Pragmatics, Edinburgh University Press. 2001.
- CHAVES, O. R.; ARRUDA, E. F. **História e Memória Cáceres**. Editora UNEMAT, 2011.
- CLEMMER, D. **The prison community**. New York: Rinehart & Company, 1958.
- ECKERT, P. Variation and the indexical field. **Journal of Sociolinguistics** n. 12, p. 453-476, 2008.
- FÁVERI, M.; VENSON, A. M. Entre vergonhas e silêncios, o corpo segregado. Práticas e representações que mulheres produzem na experiência da menstruação. **Anos 90**, [S. l.], v. 14, n. 25, p. 65–97, 2007. DOI: 10.22456/1983-201X.5403. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/5403>. Acesso em: 30 set. 2023.

FERREIRA, E. A relação entre cidades-irmãs na faixa de fronteira: o caso de Cáceres – Mato Grosso/Brasil e San Matías/Bolívia. **Caminhos de Geografia**: Revista online do Instituto de Geografia da UFU, do Programa de Pós-graduação em Geografia. Uberlândia v. 18, n. 62 Junho/2017, p. 87–103.

FERREIRA, J. C. V. **Enciclopédia Ilustrada de Mato Grosso**. Cuiabá: Buriti, 2004.

FREIRE, J. B.; OLIVEIRA, D. H. **Revista Iniciação & Formação Docente** V. 6 n. 1, p. 1-14, 2019. Disponível em: https://seer.uftm.edu.br/revistaelectronica/index.php/revistagepadle/article/view/380_4/0. Acesso em: 30 set. 2023.

FREIRE, P. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, P. & ILLICH, I. Diálogo. In: Seminario Invitación A Concientizar y Desescolarizar: Conversación permanente, Genebra, 1974. **Atas**. Buenos Aires, Búsqueda Celadec. 1975, 109p.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

GALINDO, M, M. **A gíria como processo comunicativo das reeducandas do presídio Santa Luzia**: construção de um glossário, 49f, 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação), Licenciatura em Letras Português, Universidade Federal do Alagoas, Maceió, 2021. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/handle/123456789/8344>. Acesso em: 28 fev. 2023.

GOFFMAN, E. **Asylums**: essays on the social situation of mental patients and other inmates. New York: Doubleday Anchor, 1961.

GONSALVES, E. P. **Iniciação à Pesquisa Científica**. 3 ed., Campinas: Alínea, 2003.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LUPO, F. P. **As tatuagens e o mundo do crime**. Associação Paulista do Ministério Público, 2018. Disponível em: <https://www.apmp.com.br/artigo/as-tatuagens-e-o-mundo-do-crime-fernando-poscoal-lupo/>. Acesso em: 30 set. 2023.

MOITA LOPES, L. P. Contextos institucionais em linguística aplicada: novos rumos. In: **Intercâmbio**, v.5, 1996.

MOITA LOPES, L. P. Discursos de identidade em sala de aula de leitura de L1: a construção da diferença. In: SIGNORINI, I. (Org.) **Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. São Paulo: Mercado de Letras, 1998. p. 303-332.

MOITA LOPES, L. P. **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. Edição: Parábola Editorial, São Paulo, julho de 2006. 2ª edição: março de 2008.

MOTA, J, A, C. **A criança como sujeito de experimentação científica: uma análise histórica dos aspectos éticos**. 1998. Tese (Doutorado em Medicina) – Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 1998.

MUDIM, M.; SOUZA, M.; GAMA, V.. **Transformações da percepção da menstruação entre gerações**. Tensões Mundiais, Fortaleza, v. 17, n. 33, p. 229- 247, 2021.

NETO, M. F. C.; VANRELL, J. P.; JÚNIOR, C. C. Modalidades no Transporte da Pasta Base(Cocaína) nas Fronteiras do Oeste de Mato Grosso (Brasil-Bolívia). **Brazilian Journal of Forensic Sciences, Medical Law and Bioethics**, [S. l.], v. 1, n. 3, p. 97–105, 2012. DOI: 10.17063/bjfs1(3)y201297. Disponível em: <https://www.bjfs.org/bjfs/bjfs/article/view/478>. Acesso em: 29 jul. 2023.

NOVO, N. B. Aeducação prisional no brasil. **Revista Científica Semana Acadêmica**. Fortaleza, ano MMXVII, Nº. 000110, 23/08/2017. Disponível em: <https://semanaacademica.org.br/artigo/educacao-prisional-no-brasil> Acessado em: 28/07/2023.

OLIVEIRA, D, A, O.; GOMES, N, S. Falar prisional: uma análise sociolinguística das gírias utilizadas por homens e mulheres nos presídios de Campo Grande. **Revista Philologus**, Ano21, Nº 63 – Supl.: Anaisda X CNLF. Rio de Janeiro: CiFEFiL, p.938-945, set./dez.2015.

Disponível em: <http://www.filologia.org.br/rph/ANO21/63supl/066.pdf>. Acesso em: 28 fev.2023.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.

PAIVA, V. L. M. O. **Manual de pesquisa em estudos**. São Paulo: Parábola, 2019.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, P. *et al.* (Org.) **Papel da memória**. Tradução e introdução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

PEREIRA, A. A educação-pedagogia no cárcere, no contexto da pedagogia social: definições conceituais e epistemológicas. **Rev. Ed. Popular**, Uberlândia, v. 10, p. 38-55, jan./dez. 2011. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/20214/10790> . Acesso em: 03 março 2023.

PEREIRA, E. S.; SOUZA, V. V. Gíria De Grupo: A presença da figura de linguagem na fala das internas de um presídio de Vitória Da Conquista. **Cadernos do CNLF**, v.XXIV, n. 3, Rio de Janeiro: CiFEFiL, p.438-452, 2021. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xxiv_cnlf/cnlf/tomo02/32.pdf. Acesso em: 28 fev.2023

PEREZ, F.; DALAPOLA, K. **Como funciona a comunicação secreta do PCC presídios afora**. R7, 2018. Disponível em: <https://noticias.r7.com/sao-paulo/como-funciona-a-comunicacao-secreta-do-pcc-presidios-afora-11122018>. Acesso em: 30 set. 2023.

PRETI, D. **A gíria e outros temas**. Ed. da Universidade de São Paulo, 1984.

PRETI, D F. Gíria na cidade grande. **Revista da Biblioteca Mario de Andrade**, v. 54, n. ja/dez. 1996, p. 139-43, 1996. Acesso em: 19 fev. 2023.

PRETI, D. O Vocabulário oral popular: a gíria. In: PRETI, Dino. **Estudos de Língua Oral e Escrita**. Riode Janeiro: Lucerna, 2004.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**/ Kanavillil Rajagopalan. – São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ROUNDS, P, L. The classroom-based researcher as fieldworker: stranger in a strange land. In: SCHACHTER, J.; GASS, S. (Eds). **Second Language Classroom Research: issues and opportunities**. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 1996.

SILVA, R.; SOUZA NETO, J. C; MOURA, R. Áreas prioritárias para atuação da pedagogia social no Brasil. In: SILVA, Roberto; SOUZA NETO, João C; MOURA, Rogério (Org.). **Pedagogia Social**. São Paulo: Expressão e Arte, 2009.

SILVA, L. M. F. da; SILVA, J. M. A representação do assédio sexual entre estudantes do ensino superior em um município do sertão do são francisco. **Revista Jurídica Facesf**, [S. l.],v. 1, n. 2, p. 7–24, 2019. Disponível em: <http://periodicosfacesf.com.br/index.php/revistajuridicafacesf/article/view/35>. Acesso em: 30 set. 2023.

SILVA, *et al*. **Gabinetes de gestão integrada municipal - Cáceres**. Governo do Estado deMato Grosso. Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública. Gabinete de Gestão Integrada. Cuiabá-MT, 2009.

SILVA, H. dos S. **Fundamentos linguísticos: estudos sociolinguísticos**. Secretaria de Educação a Distância (SEAD). UNIFESP. 2016. Disponível em: <http://repositorio.unifesp.br/handle/11600/39182>

TINOCO, R. C. **Formação de leitores em penitenciárias do Distrito Federal**.Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2020.

WEINREICH, W; LABOV, W; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Trad.: Marcos Bagno: revisão técnica: Carlos Alberto Faraco. São Paulo:Parábola, 2006.

WIEDEMER, M. L. As faces da comunidade de fala. **Linguagens - Revistade Letras, Artes e Comunicação** ISSN 1981 - 9943 Blumenau, v. 2, n. 1, p. 21 - 35,jan./abr.2008. http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/Ingles/wiedemer.pdf. Acesso em: 01 março 2023

LEI Nº 12.433, DE 29 DE JUNHO DE 2011.

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/l12433.htm. Acesso em: 31 julho 2023.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

<https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em 01 agosto 2023.

ANEXOS I – SEQUÊNCIA DIDÁTICA

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA
MESTRADO EM LINGUÍSTICA

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Esta proposta de sequência didática tem por objetivo trabalhar as variedades linguísticas com as alunas da Cadeia Feminina de Cáceres MT. Como em qualquer grupo social, as reeducandas possuem sua própria cultura e linguagem, que podem ser influenciadas por diversos fatores, como idade, gênero, região de origem, etnia, entre outros. De modo complementar, o ambiente prisional também pode influenciar a linguagem utilizada pelas presidiárias.

É importante destacar que a variação linguística nesse contexto não se restringe apenas à linguagem oral, mas também pode se manifestar na escrita, por exemplo, em cartas ou bilhetes (bereu) trocados entre presas. É uma temática que oportuniza uma reflexão sobre a variação da língua e os estigmas que as formas não prestigiadas da língua carregam. Além da variação linguística, podem ser trabalhadas questões relativas à oralidade e sua relação com a língua escrita.

Desse modo, organizamos a sequência didática em quatro oficinas, que se destinam a alunas do 2º ano do 2º Segmento EJA da Escola Estadual de Desenvolvimento Integral da Educação Básica Prof. Milton Marques Curvo (EEDIEB).

A seguir, apresentamos os objetivos específicos da sequência, os gêneros e os conteúdos que poderão ser trabalhados e as oficinas com seus detalhamentos.

Título: A GÍRIA COMO FORMA DE COMUNICAÇÃO

Série: 2º ano do 2º Segmento EJA

Duração: Um mês

Quantidade de Aulas: 20h

Objetivo:

Possibilitar que o estudante compreenda a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem. Refletir sobre a legitimidade da diversidade linguística e a adequação de contextos para refutar preconceitos e desenvolver a prática consciente da língua.

Objeto do Conhecimento:

Variação linguística.

Metodologia ativa e criativa:

Aula dialógica

Problematizadora

A atividade introduzida com um momento de exploração do conhecimento da realidade dos alunos em relação à adequação de contextos e variedades linguísticas do local, da região, do Brasil e do mundo através das perguntas:

- O que vocês sabem sobre variação linguística?
- Quais as variações linguísticas comuns entre esse grupo?
- Como foi possível identificar o falante no texto lido?
- Quais marcas de linguagem deixam claras a situação do locutor?
- Em que outras situações alteramos o jeito de falar e escrever?
- Quais fatores devem ser considerados? Estamos em uma festa ou na sala de aula? Estamos falando de um assunto triste ou feliz? É uma situação

formal ou informal? Estamos conversando com uma criança ou com um adulto?

Competências Específicas:

- Reconhecer a língua como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem;
- Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso;
- Demonstrar atitude respeitosa diante de variedades linguísticas, rejeitando preconceitos linguísticos;
- Valorizar a escrita como bem cultural da humanidade;
- Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequado à situação comunicativa, ao interlocutor e ao gênero textual.

Avaliação:

Será avaliado se o aluno:

- Reconhece a língua como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem;
- Compreende a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso;
- Demonstra atitude respeitosa diante de variedades linguísticas, rejeitando preconceitos linguísticos;
- Valoriza a escrita como bem cultural da humanidade;
- Nas produções formais emprega, a língua portuguesa do Brasil, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequado à situação comunicativa, ao interlocutor e ao gênero textual.

Recurso

Data Show;

Notebook;

Caixa de Som;
 Caneta para quadro branco;
 Papel A4;
 Papel impresso;
 Caneta;
 Lápis;
 Borracha;
 Caderno.

Bibliografia:

Base Nacional Comum Curricular – MEC/DRC/MT
 Caderno de Concepções do Estado de Mato Grosso
 Caderno de Metodologias Ativas do Estado de Mato Grosso
<https://novaescola.org.br/plano-de-aula/3584/as-variedades-linguisticas-e-a-adequacao-de-contextos#atividade-desenvolvimento>, acesso em 29/11/2019.
https://www.google.com/search?q=musica+o+bagulho+%C3%A9+loco+mano+letra&rlz=1C1GCEA_enBR952BR952&ei=M-UmZLYAIJnS1sQPxuefmAY&ved=0ahUKEwj85dX2p4b-AhUZqZUCHcbzB2MQ4dUDCA8&uact=5&oq=musica+o+bagulho+%C3%A9+loco+mano+letra&gs_lcp=Cgxnd3Mtd2l6LXNlcnAQAzokCAAQRxDWBBCwA0oECEEYAFC0BVjcDmCkG2gBcAB4AIABtAGIAZ4HkgEDMC42mAEAoAEBYAEIwAEB&client=gws-wiz-ser , acesso em 31/03/2023.
<https://www.letras.mus.br/djonga/oto-patama/>, acesso 23/03/2023.
<https://www.letras.mus.br/criolo/nao-bolou-porque/> acesso 23/03/2023.
<https://www.letras.mus.br/roberto-carlos/48562/> acesso 23/03/2023.
<https://www.letras.mus.br/bezerra-da-silva/430884/> acesso 23/03/2023.
<https://www.letras.mus.br/joao-carreiro/o-bagulho-e-louco-mano/> acesso 23/03/2023.

Atividades a serem desenvolvidas

1. Observe a imagem abaixo e responda as perguntas a seguir:



<https://marianahoradeestudar.wordpress.com/2018/05/22/atividade-de-portugues-sobre-variacao-linguistica/>

a) Qual tipo de linguagem o personagem da imagem acima usou para se expressar: linguagem culta ou coloquial?

b) Observando bem a imagem, diga pelo menos dois fatores que contribuem para que o personagem fale dessa forma?

c) Esse jeito como o personagem falou dar para o ouvinte/leitor compreender?

d) Essa linguagem usada por ele é considerada “correta” ou “errada”? Por quê?

e) Reescreva essa fala do personagem seguindo a norma culta da língua portuguesa do Brasil.

Texto:

*“Eu sei o que você quer,
De longe a gente ganha o vacilão.
Sempre só de migué, respeite!
O ar gelou? é sem pressão!
Fazer por fazer nunca será a nossa,
A tripa do macaco que derruba a sua tora!
Quem pensa? Não tem pra servir real sapo,
E nem transcender pro momento que ligou!
Feito carrapato fala que quer aprender...
Não bolou por que? (...)”*
(Não bolou por que? – Música Pé de Breque Criolo)

QUESTÕES:

Ficaram confusas com a letra?

Leu o trecho da música acima e não entendeu nada – ou quase nada? Não se preocupe, apesar de alguns termos parecerem pouco familiares para algumas pessoas, ainda estamos falando de língua portuguesa. A língua é assim, cheia de peculiaridades, variações linguísticas e idiossincrasias.

Estamos falando das gírias. Elemento polêmico nas diversas línguas, amadas por uns e odiadas por outros, as gírias provam o constante movimento de nosso idioma. É inútil negar que a língua não é um elemento vivo e mutável, pois, de acordo com a época e com a moda, assume algumas características que podem se transformar em pouco tempo. As línguas estão inseridas em um contexto cultural e, conforme o panorama muda, ela também se modifica.

Leia a música *“Broto do jacaré”*, sucesso de Roberto Carlos nos anos 60:

*Vinha deslizando em minha prancha sozinho
E falei ao ver passar por mim um brotinho
Que bonitinha que ela é
Deslizando num jacaré*

*Ela me sorriu e uma coisa então
 Eu tinha que fazer para chamar atenção
 Abri os braços, gritei bem alto
 Deslizando num jacaré
 Mas uma onda mais forte chegou
 E fora da prancha me atirou
 Quase que morro, quase me afoguei
 E quando voltei o broto não encontrei
 A minha prancha o vento para longe levou
 Bebi água salgada porque não dava pé
 Peguei a prancha, mas não encontrei
 O broto do jacaré.
 (O broto do jacaré – Roberto Carlos)*

Provavelmente vocês não entenderam muita coisa da música e nem mesmo sabem o sentido atribuído às palavras “broto” e “jacaré”, assim como provavelmente nossos pais e avós ficam “boiando” com as gírias que usamos para falar com nossos amigos. Agora, o que você deve saber é que, apesar de muitos estudiosos e eruditos “torcerem o nariz” para as gírias, classificando-as como “vícios de linguagem”, elas são importantes para a manutenção da língua e servem de marca temporal. Observando as gírias da música de Criolo, é possível deduzir que aquele é um comportamento linguístico atual, embora não seja padrão, assim como ao analisar a música de Roberto Carlos, há elementos que remetem ao contexto dos anos 60 e do movimento chamado Jovem Guarda.

As gírias nascem da necessidade de se utilizar recursos expressivos na fala, e é o tempo que determinará a permanência ou descarte de uma expressão idiomática. Algumas gírias que eram muito utilizadas nos anos 60 hoje se tornaram obsoletas, porque certamente deixaram de cumprir sua função, sendo assim substituídas por novas palavras e expressões. Infelizmente, algumas pessoas associam as gírias à falta de cultura e ao desconhecimento da norma culta. Tentar coibir a juventude (que é quem melhor se apropria desse jeito diferente de falar) de usar gírias é inútil, mas vale saber que o princípio da adequação linguística deve ser lembrado sempre. Você, em uma entrevista de emprego, não vai se expressar da mesma maneira que se expressa quando conversa com seus amigos, não é verdade?

"MEC" "JÁ É" "RESPONSA" "TEGA" "SE MANCA"
 "PAPO 10" "AULAS" "PIAR" "NÓS QUE TÁ"
 "PEGA A VISÃO" "CANA" "PEITA"
 "SUAVE" "TILT" "DÁ O PAPO"
 "PASSA NADA E NEM PODE" "TÁ DE MANGADA" "RALA PEITO"
 "VOU MARCAR DE BASE" "TÁ DE MIRONGA"
 "PAPO RETO" "VAILÁ, VAILÁ" "É NÓS" "RESPONSA" "BOFE"
 "RELÍQUIA" "CRIA" "COÉ" "SE PÁ"
 "PUREZA" "BOTA A CARA" "NA MORAL"
 "AMASSA" "TAMO JUNTO" "SEM CATCHARRA"
 "QUAL FOI?" "É NÓS QUE TÁ" "SEM NEUROSE"
 "SE ADIANTA" "MENÓ" "NTJ (NÃO TEM JEITO)"
 "BAGULHO É DOIDO" "PEGA A VISÃO" "ESCULACHO" "CATA"



<https://marianahoradeestudar.wordpress.com/2018/05/22/atividade-de-portugues-sobre-variacao-linguistica/>

A Gíria É Cultura Do Povo

Bezerra da Silva

Toda hora tem gíria
No asfalto e no morro
Porque ela é
A cultura do povo
Pisou na bola
Conversa fiada malandragem
Mala sem alça é o couro
Tá de sacanagem
Tá trincado é aquilo
Se toca vacilão
Tá de bom tamanho
Otário fanfarrão
Tremeu na base
Coisa ruim não é mole não
Tá boiando de marola
É o terror alemão
Resposta catuca
É o bonde, é cerol
Tô na bola
Corujão vão fechar seu paletó
Toda hora tem gíria
No asfalto e no morro
Porque ela é
A cultura do povo
Se liga no papo maluco
E o terror!
Bota fé compadre
Tá limpo!
Demorou!
Sai voado
Senti firmeza!
Tá tranquilo
Parei contigo!
Contexto baranga
É aquilo

Tá ligado na fita!
Tá sarado
Deu bote
Deu mole
Qualé?
Vacilou!
Tô na área
Tá de bofe?
Tá bolado?
Babou a parada
A mulher de tromba sujou
Toda hora tem gíria
No asfalto e no morro
Porque ela é
A cultura do povo
Sangue bom
Tem conceito malandro
E o cara aí!
Vê se me erra boiola
Boca de siri
Pagou mico
Fala sério
Tô te filmando!
É ruim ein
O bixo tá pegando
Não tem caô!
Papo reto
Tá pegado
Tá no rango mané
Tá lombrado
Caloteiro
Carne de pescoço
Vagabal!
Tô legal de você 171
G.D.O.
Cara de pau!



O Bagulho É Loco Mano

João Carreiro

Eu cheguei num rolê diferente
 E a festa durou a noite inteira
 Tinha um povo fumando pen
 drive
 E uns louco fumando mangueira
 Tinha uns copo de um urso com
 asa
 Que mantém a cerveja gelada
 E um som com o volume
 estridente
 Repetindo as mesmas palavras
 Que as novinha que tava de pé
 Tinha que dar aquela sentada
 Eu não entendi nada
 Se elas são novinha, por que tão
 cansada?
 Bagulho é louco, mano, e tamó
 junto
 Pode crer, eu acho é massa
 Nos rolê, esse é o assunto
 Bagulho é louco, mano, mas é da
 hora
 O dialeto desse povo é assim
 que desenrola
 Pra conhecer mais dessa cultura
 Resolvi ficar mais uns dois dias
 Me serviram foi comida crua

Com uns palito é que o povo
 comia
 Uma moça me ofereceu bala
 Agradeço, só chupo chiclete
 Perguntaram se eu já cheirei
 coca
 Deve ter o mesmo cheiro da
 Pepsi
 Stanley, pen drive e narguilé
 Sushi, o povo evoluiu
 Isso me confundiu
 Será memo que nós tá no Brasil?
 Bagulho é louco, mano, e tamó
 junto
 Pode crer, eu acho é massa
 Nos rolê, esse é o assunto
 Bagulho é louco, mano, mas é da
 hora
 O dialeto desse povo é assim
 que desenrola
 Bagulho é louco, mano, e tamó
 junto
 Pode crer, eu acho é massa
 Nos rolê, esse é o assunto
 Bagulho é louco, mano, mas é da
 hora
 O dialeto desse povo é assim
 que desenrola

ANEXO II – ATIVIDADE COM A CANÇÃO “OTO PANAMÁ”

Cáceres ____ de _____ de 2023

Nome: _____

ATIVIDADES SOBRE A CANÇÃO “OTO PATAMÁ”

1) O título da canção é “Oto patamá”, o que isso significa no contexto da canção?

2) Em: “Que seu povo só tem prazer em bater / Porque não sabe a dor que é apanhar”, a que possível contexto social esse trecho faz referência?

3) No trecho: “É que eu falo a língua dos manos / Não perco uma batalha / E apesar dos danos / Sou história na minha área [...] / Orgulho de onde eu vim / Sou história da minha área [...]”, explique os trechos “língua dos manos” e “história da minha área”.

6) A canção retrata a linguagem de um certo grupo social, qual é esse grupo? O que influência essa variedade da língua?

7) Os grupos sociais, por exemplo dos jovens, dos profissionais, dos detentos, podem ser identificados pelo modo de falar? E na canção, é possível fazer essa identificação? Se a resposta for sim, cite os grupos e como se expressam.

8) Há gírias presentes na letra da canção? Se a resposta for sim, diga quais são e seus significados.

1- Escreva frases utilizando as gírias utilizadas por você dentro da Unidade.

a) _____

b) _____

c) _____

d) _____

e) _____

f) _____

2) Reescreva as frases acima utilizando a linguagem formal.

a)

b)

c)

d)

e)

f)

Cáceres _____ de _____ de 2023

Produção de texto autobiográfico

Oto Patamá Djonga

Tenho astigmatismo, nem gosto de flash
Faço essa merda com o foco no sorriso negro
Deixo ela em chama e hoje ela vive a me chamar de Nero
E eu vivo desde menor a tentar chamar dinero
E por aqui, carreira é outra parada
Logo quem vem de onde eu vim não confia em carreira
Carreira vicia, já experimentei dos dois tipo
Não importa o dono se o cão tá na coleira
É que nós nunca cai no jogo das vaidade
Vai idade e eu não paro de reparar
Que seu povo só tem prazer em bater
Porque não sabe a dor que é apanhar
Uó, ah, discos de platina na minha sala
E ainda assim não me sinto completo
Eu corro atrás de alguma coisa que eu ainda não tem nome
Juro que não tenho tesão por nenhum objeto
Por isso eu não descanso
Eu faço, eu passo a bola só quando eu morrer
Me chamam de fominha, estilo Neymar
Mas se não é o pai no time, quem vai resolver?
Só não me chamam de mascarado
Eles são geniosos, eu sou genial
E nessa escada de sucessos
Minha humildade é o degrau
Me enchendo de álcool
Pra ver se transbordam as mágoas
Sempre quis virar Deus pra ser mais humano

De jet ski já ando sobre as águas
Querem foto comigo e com meu carro
Duas raridade preta, oto patamá
Lanço todo dia 13 pra provar pra tu
Que um raio cai de novo no mesmo lugar
Então olha ali no beco a cor do que morreu
O raio caiu de novo no mesmo lugar
O boy curtindo Jurerê, várias bunda e Sol
Nossa vida é a tempestade e podia passar
É tanto estilo que meus papo reto vira hit
Não desafia senão seu dente vai virar rout
Eu dou caralho e carinho ainda que seja um pente
Mandou mensagem pras amiga, ele é tão fofo, ownt
É que eu falo a língua dos manos
Não perco uma batalha
E apesar dos danos
Sou história na minha área
Sou história da minha área
Sou história na minha área
Orgulho de onde eu vim
Sou história da minha área
Sou história na minha área
Sou história na minha área
Orgulho de onde eu vim, yeah
Se cada um é um universo
Quem salva uma vida salva um mundo inteiro
Seja protagonista da sua história
Pega a folha e muda o roteiro
Minha gente cruzou o mar a força com mão branca
Cruzei voando com a força da minha palavra
Nós só é bom no campo igual Bruno Henrique
Porque lembra dos tempo na várzea
Mas vários quer ser astro, né, pô, sou astro rei, aprende aí, filhinho
Já que eu ilumino geral
Enquanto uns curte brilhar sozinho
Falo tanto de mim e do meu proceder
E o passado semelhante a nos preceder
Ó paí pá vê que quando eu falo do Djonga, eu tô falando docê
Paranoico igual 2Pac, já que são All Eyez On Me, mas poucos comigo
Hoje tá fácil eu ter casa na zona sul, difícil é eu não fazer o jogo do inimigo
Ser cercado de supostos perdedores no barraco
Vão te chamar de pato
Ou amigos falsos na sua mansão
Tipo assim, sua piscina tá cheia de ratos, é
Diferença de fumar e fazer arte é que com cigarro dá pra parar
Antes de Pump It e Lil Pump, eu já queria ser pimp de Chevette tubarão na beira-mar
Nós é o toque da BM, aquela fuga da PM
O grito engasgado pros perna cinzenta e sem creme

Que quando vê sirene treme, ó o refrão
Falo a língua dos manos
Não perco uma batalha
E apesar dos danos
Sou história na minha área
Sou história na minha área
Sou história na minha área
Orgulho de onde eu vim
Sou história da minha área
Falo a língua dos manos
Não perco uma batalha
E apesar dos danos
Sou história na minha área
Sou história na minha área
Sou história na minha área
Orgulho de onde eu vim
Sou história da minha área
Sou história na minha área
Sou história na minha área
Orgulho de onde eu vim, yeah
Ô, Leo, valeu, brigadão, pai, Deus abençoe
Brigado mesmo, de coração, que show maravilhoso!
Brigado! O cara canta demais, sô
Ô, falador, quando cê fala quando nós tá no poder!
A favela sorriu e os boy chorou!

ANEXO III — GLOSSÁRIO DE GÍRIAS

GLOSSÁRIO DE GÍRIAS

CRISTIANE VILLAS BOAS SCHARDOSIN

Este Glossário de Gírias é resultado de uma pesquisa realizada no mestrado, a partir da dissertação “A Linguagem na prisão: o uso de gírias entre as detentas de uma cadeia pública feminina no estado de Mato Grosso”, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Unemat.

Glossário elaborado no período de
Cáceres-MT



GLOSSÁRIO DE GÍRIAS

CRISTIANE VILLAS BOAS SCHARDOSIN

GLOSSÁRIO GÍRIAS UTILIZADAS PELAS DETENTAS

Agá - fingir algo

Areia - açúcar

Bailarina — caneta

Barraco - cela

Bate — cinzeiro

Bereu — bilhete/ carta

Bigorna — porta

Birico — celular

Boi — banheiro

Boi ralado — carne moída

Bonde — ser transferido para outro
presidio

Bota preta — polícia

Botinha - cigarro com filtro

Brasa — fogo

Brechó — bermuda

Bronca — crime cometido

Caco de telha — bolacha de água e sal

Cagueta — pessoa que informa o nome de um preso ou criminoso que praticou um crime ou infração.

Cair — ato de ser presa

Caju — lâmpada

Caneca — copo

Capa preta — juiz

Cascuda — marmita

Cegonha — lugar onde se guarda a roupa

Chinelão — empanado de frango

Coroa — pai ou mãe

Coruja — cueca

Cuba — panela

Disco — prato

Dormir de valete — quando duas detentas, ao dormirem na mesma cama de solteiro ou no chão, ficam em posição invertida por falta de espaço

Duzentão - preso que cometeu crime sexual

Fofó — fez um bom negócio

Frago — conheço ou já convivi

Frango atropelado — frango cozido

Gravata — advogado

Iniciante — presa novata

Jacaré — aparelho de barbear

Jega — cama

Jumbo — compras que entram na Unidade

Linguíça — órgão genital masculino

Lobo Guará - (referente a cédula de 200,00) preso que cometeu crime sexual

Macaca - banana

Mancada - erro, falha

Manos — dinheiro

Maria loca — pinga fabricada ilegalmente pelos presos dentro da Unidade prisional, com alimentos fermentados.

Marrocos — pão

Mata rato — suco industrializado

Móca — café

Molhado — banho

Morcego - cueca

Mula - pessoa que realiza o tráfico u simplesmente transporta a droga.

Nóia - usuário ou dependente de drogas

Paola Bracho — cigarro comprido (personagem da novela A Usurpadora)

Papo reto — conversa séria, direta

Pá — colher

Pedra — mesa

Pegá leve — surra

Pega visão — presta atenção

Peita — camiseta

Pé de burro — hamburguer

Pirulito — janela

Porronco — fumo

Porta treco — lugar onde se guarda produtos de higiene

Quéto — cortina utilizada na "jega" nos dias de visita íntima

Rabuda — condenação

Seca poço — cobertor

Sonho de noiva — linguíça

Tatu - buraco para fugir

Tela — espelho ou televisão

Teresa — corda feita com lençóis, geralmente, utilizada para fuga ou para arremessar objetos de uma cela para outra

Tirar uma mula — zueira/ tirar sarro

Tomou uma ré — fez um mal negócio

Vacilo - deslize, desvio das regras

Valete — quando duas pessoas dividem a mesma cama ou colchão e dormem um com a cabeça virada para os pés do outro

Ventana - janela com grade

Vento — ventilador

X9 — pessoa fofqueira